



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA**

A CIDADE DO CIRCO DOS DIAS IGUAIS

peça teatral de autoria de Tarcízio Dalpra Jr.

vencedora, em 1º lugar, do

7º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/2008

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. *“Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”, exclusivamente, “nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital” (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), “sem ônus para o Município e para os encenadores”, após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.*

A CIDADE DO CIRCO DOS DIAS IGUAIS

T. Dalpra Jr.

“A busca pela perfeição é a própria perfeição”.

Pã

Para Lela e Zé.

Personagens

MARIA

Mulher misteriosa, serena, guardada. Uma maquiagem exagerada, quase grotesca, acentua e concede novas formas ao seu rosto. Pinta uma imagem que não é a dela, de alguém que se perdeu no tempo. Veste-se de forma incoerente, com roupas espalhafatosas que misturam épocas. Inteligente e sagaz.

ALCEU

Funcionário de uma operadora ferroviária. Jovem, na casa dos seus 30 e poucos anos. Veste-se de forma elegante, mas nem a etiqueta é capaz de resistir ao semiárido do Jequitinhonha. Tem as mangas arregaçadas e a camisa para fora das calças, desabotoada até o peito. Carrega uma maleta com papéis, uma garrafa d'água e sua inseparável manteiga de cacau. Sua muito.

JOÃO

Homem simples, cerca de 30 anos. Um dia desceu o nordeste brasileiro e foi tentar a vida na metrópole. Como muitos, fracassou e hoje encarna uma espécie de retirante às avessas, buscando retornar à sua terra natal. Devoto fervoroso de São Gelásio, leva em seu peito um inseparável broche com a imagem do Santo. Apesar da simplicidade e inocência, JOÃO domina a arte da sobrevivência, seja sobre terra batida, ou sobre concreto quente.

ZARA

Um andarilho do Jequitinhonha. Uma espécie de profeta, que “guarda” a Cidade do Circo. Uma mistura de filósofo e louco, que ventila suas profecias de forma sempre muito enigmática. Sujo e maltrapilho, é uma livre referência ao profeta Zarathustra, enquanto na obra do filósofo Friedrich Nietzsche.

MESTRE ANASTÁCIO

O dono do Circo da Cidade e da Cidade do Circo. Homem já na casa dos 40 anos. Longos bigodes e barba, dos quais cuida como se fossem troféus. Sempre muito sério e imponente, exala toda sua onipotência na forma de falar, andar e delegar ordens. Veste-se e age como um lorde. É o mestre de cerimônias do circo, o que não o impede de também executar seu grandioso número no papel de atirador de facas.

MARIA LINDA

Bailarina, filha do dono do Circo da Cidade e da Cidade do Circo. De uma beleza angelical. Muito clara, de traços finos, incompatíveis com a dureza do semiárido. Meiga e inocente, deve transmitir pureza. É a grande atração do Circo da Cidade. E da Cidade do Circo.

PÃ

Morador da Cidade do Circo e artista do Circo da Cidade. Vem de uma famosa família de anões de circo. No entanto, PÃ não herdou o "talento" genético dos pais, tendo nascido grande demais para um anão. Foi sempre motivo de deboche na família e nos circos por onde passava. Afinal, seus cerca de 1,60m não eram suficientemente baixos para o "ofício" de anão. Triste e com a auto-estima bastante abalada, PÃ abandonou a família. Em sua peregrinação pelo sertão, acabou encontrando abrigo na Cidade do Circo. No Circo da Cidade é conhecido como "O Incrível Anão que Cresceu".

TORAH

Morador da Cidade do Circo e artista do Circo da Cidade. Apresentado como "O Homem Mais Forte do Mundo", TORAH está longe de o ser. Na verdade, seu diferencial vem do fato de levantar "enormes" pesos com apenas um braço. Aliás, o único que tem. Mas não é a deficiência que mais o incomoda. É o tempo, que leva consigo a jovialidade, a força e a auto-estima de TORAH.

MARGOT

Morador da Cidade do Circo e artista do Circo da Cidade. Apresentado como "O Mago da Escuridão". Não que seus truques tenham relação com magia negra, mas a alcunha vem do fato de MARGOT ser cego. Não possui os dois olhos, que um dia diz terem sido azuis como o céu do Jequitinhonha.

ZÉFIRO

Morador da Cidade do Circo e artista do Circo da Cidade. Apresentado como "O Senhor do Vento", é um equilibrista. Do circo e da vida. Sua especialidade é o número da corda bamba. ZÉFIRO não possui uma das pernas, a qual substitui por uma estranha estrutura de madeira e metal.

BRIGITE

Moradora da Cidade do Circo e artista do Circo da Cidade. Apresentada como "A Fantástica Mulher de Borracha", é a contorcionista do circo. Impressiona pela elasticidade, potencializada pelo fato de não possuir várias costelas. Deve usar um figurino que dê a impressão de uma cintura bastante fina.

Tempo

A narrativa apresenta saltos temporais. A história principal, contada por MARIA, se passa no início da década de 1980. O encontro de MARIA com ALCEU acontece anos mais tarde.

Espaço

A história se passa na Cidade do Circo, em um lugarejo situado no Vale do Jequitinhonha, quase fronteira de Minas com a Bahia. São quatro ambientes diferentes: o picadeiro de um circo, onde acontecem os números inicial e final do atirador de facas; a frente da casa de MARIA, apresentada apenas no início, no proscênio; um descampado no semiárido, na cena inicial de ZARA e JOÃO e na cena final de ALCEU; e os bastidores do circo, onde se passa a maior parte das ações.

Concepção Musical

A música deve pontuar todo o espetáculo. Sugerem-se instrumentos de sopro (flauta, clarinete), viola e percussão rústica. Se possível, executadas ao vivo. A trilha pode misturar elementos da música nordestina e mineira. Caso a direção opte por música ao vivo, podem-se incorporar os músicos ao espetáculo, como se fossem a charanga do circo, devidamente caracterizados.

CENA I – Nem sempre o começo é de onde se começa.

As cortinas abrem-se lentamente. Por detrás, podemos ver vários focos de luz, de várias cores, passeando pela cena sem um movimento pré-definido ou ensaiado. Sons também vão tomando conta do ambiente. Vozes e instrumentos preenchem a cena gradativamente. Temos a ideia de que um grande número circense está para começar. Em meio a esse inebriante e caótico jogo de sentidos podemos ver uma grande roda de madeira, daquelas utilizadas no circo pelos atiradores de faca, na qual colocam suas “vítimas” de pernas e braços abertos, para então atirarem. O palhaço JOÃO está nessa roda, aguardando que as certas facas do atirador sejam mesmo certas. ANASTÁCIO, atirador e dono do circo, entra em cena, inflamando o público.

ANASTÁCIO

Reeeeeespeitável Público. Preciso da atenção, da energia e da vibração de vocês.

JOÃO

Eu preciso somente da oração de vocês.

ANASTÁCIO

O Fantástico Circo da Cidade tem o orgulho de apresentar o acontecimento mais esperado da noite. O momento em que pele e aço ficam frente a frente. Em que o homem desafia o brilho da morte.

JOÃO

E cadê esse homem que não chega?

ANASTÁCIO

E aqui está esse homem: João, o palhaço.

JOÃO

Palhaço me parece bem adequado ao momento.

ANASTÁCIO

Íris, Helena, Ceres e Diana. Quatro lâminas tão afiadas que podem cortar uma folha de papel numa só passada.

JOÃO

Dê papel pra elas então, ora.

ANASTÁCIO

Peço agora, por um momento, o silêncio de todos... Silêncio quase mortal. Qualquer bagunça, barulho, bufada, buxixo, burburinho ou mesmo uma respiração mal colocada pode custar a vida desse homem.

JOÃO

Ai de quem piscar um olho sequer.

ANASTÁCIO

A primeira. Íris.

Rufam tambores. A primeira faca é atirada. Em um efeito mecânico, surge uma faca cravada na madeira.

JOÃO

Ai, meu São Gelásio. Se não morro de furo, morro de susto.

ANASTÁCIO

A segunda. Helena.

JOÃO

Ô, Gelasim, essa arrancou até cabelo de minhas pernas.

ANASTÁCIO

A terceira. Ceres.

JOÃO

Oxe, que só o vento já me cortou.

ANASTÁCIO

E a derradeira. Diana.

JOÃO

É agora, meu São Gelásio... Ô, meu santinho africano, me protege como protegeu teu povo. Num deixe que essa peste de dente afiado se amole no meu couro curtido. Ai, meu São Gelásio...

Os focos de luz sobre JOÃO ficam ainda mais frenéticos. Há muitas luzes, de várias cores. O som de rufar de tambores também aparece, dando maior clima de tensão à cena. JOÃO continua “conversando” com seu Santo protetor em tom gradativo até que termina gritando, quando vê a suposta faca em sua direção.

JOÃO

(Em gradação, cada vez mais alto até que grita) Lá vem ela, Gelasim. Lá vem a peste brilhando e sorrindo pra mim. Tá se vendo nela? Pois eu já tô me vendo nela. Todo distorcido, mas tô me vendo. Lá vem, meu santim. Lá vem...

Black-out. A música também cessa imediatamente. As cortinas se fecham rapidamente. Agora a ação acontece no proscênio, ou em outro plano de cena. É importante que fique claro o lapso temporal entre a cena que segue e o restante do espetáculo.

CENA II – Trem não faz curva. Ou faz?

Foco em MARIA, que está sentada em uma cadeira de balanço toda estilizada, cheia de fitas e outros badulaques. Há também muitas canecas penduradas, de metal, de todas as cores. Ela canta enquanto tenta, sem sucesso, fazer malabarismo com três velhas bolas de meia. Venta bastante. Alguns ventiladores laterais, com auxílio de efeitos sonoros devem deixar claro esse aspecto do clima. Entra em cena ALCEU, cansado e suando muito. Para por alguns minutos ao lado de MARIA. Enquanto a escuta cantar, recupera o fôlego. Retira uma manteiga de cacau do bolso e passa nos lábios, em um movimento que deve se repetir com certa constância até o fim da cena.

MARIA

Quando o vento leva o tempo
E as areias já não param
Sobra o caco do lamento
Com seus cortes que não saram

Quando o vento leva o tempo
A voar sem direção
A saudade é o sustento
A empanzinar o coração

Ó, vento que leva o tempo
Que há tempos não volta atrás
Ó, tempo que vira vento
Leva embora a minha paz.

MARIA

Sabe por que o Tiziu tem esse nome?

ALCEU

O pássaro?

MARIA

Sim, o pássaro.

ALCEU

Não entendo muito de pássaros.

MARIA

É o som que ele faz. Tiz... siu... O nome vem do som que ele faz.

ALCEU

(Tentando imitar MARIA) Tiz... siu...

MARIA

Fico pensando se com os homens fosse assim. Se nos batizassem com o ouvido.

ALCEU

Ou atrasariam os batismos ou teriam todos o mesmo nome. Nome de choro. "Buáá" da Silva, "Buáá" Luiz dos Santos, Ana "Buáá" de Almeida...

MARIA

E se esperassem...

ALCEU

Nesse caso, os tuberculosos se chamariam "Cof Cof".

MARIA

E os gripados “Atchim” ou “Snif Snif”.

ALCEU

“Snif Snif” não é ruim.

MARIA

Os pigarrentos talvez chamassem de “Rã Rã”.

Os dois riem.

ALCEU

E os mudos? Viveriam no anonimato. Sem nome, sem documento...

MARIA

Não, não seria bom.

ALCEU

Nossa diversidade de sons é que não é tão grande, Maria.

MARIA

Nem tão bela, Alceu. Nem tão bela.

ALCEU passa manteiga de cacau nos lábios.

MARIA

A sobrevivência do homem da cidade depende de água e manteiga.

ALCEU

Esse sol de vocês não racha só o chão, Maria.

MARIA

Cortesia do Jequitinhonha.

ALCEU

E como está hoje?

MARIA

Está se referindo à minha saúde ou à minha propensão a assinar papéis?

ALCEU

Sua saúde, claro. Eu não seria tão direto. Você me conhece.

MARIA

Mais até do que gostaria.

ALCEU

Da última vez estava meio gripada. Não entendo como alguém pode se resfriar num calor desses.

MARIA

Estou bem, Alceu. A gripe tem sido como você. Às vezes me visita, mas é rápida. E nunca me leva nada.

ALCEU

Já me rebaixou à condição de vírus.

MARIA

Não, Alceu. São bem diferentes...

ALCEU

Maria... Quantas vezes vou ter que explicar que não sou eu quem decide nada. Só cumpro as ordens que vêm de cima.

MARIA

Percebe a diferença? Os vírus têm vontade própria.

ALCEU

Os vírus não têm patrão, não têm família pra sustentar...

MARIA

Te irritei, né?

ALCEU

Você quase não faz isso.

MARIA

E você, tão benevolente.

ALCEU

Não sou eu quem decide por onde a estrada de ferro vai passar.

MARIA

Eu sei quem decide. (*Cochichando para ALCEU*) As ordens de cima.

ALCEU

Pois é...

MARIA

Deus. Quem decide é Deus. E se Deus colocou uma casa no caminho dela é sinal de que essa estrada de ferro não deve passar por aqui.

ALCEU

Tá. Só que depois que colocou essa casinha aí e finalmente descansou, sabe o que Deus fez?

MARIA apenas balança a cabeça em sinal negativo, deliciando-se com o tom cínico e debochado que a conversa ganha.

ALCEU

Engenharia. Deus fez engenharia e viu que podia modificar tudo o que construiu. Claro, demoraria mais de seis dias, mas em compensação dividiria o trabalho com o que ele chamou de peões. E o Deus-engenheiro percebeu então que o mundo precisava de trilhos. Trilhos para que os trens pudessem transportar tudo aquilo que Ele e os peões construíam, destruíam e reconstruíam. Então Ele viu que bem no Vale do Jequitinhonha, na divisa de Minas com a Bahia, tinha uma casinha velha, que ia atrapalhar os trilhos, os trens, as construções, as destruições, as reconstruções. E decidiu, então, desconstruir a velha casinha.

MARIA

E por que esse engenheiro não vem até aqui me convencer?

ALCEU

Deus quando precisou falar com os homens mandou um enviado, não foi?

MARIA

De vírus a Jesus Cristo em cinco minutos? Darwin ficaria boquiaberto.

ALCEU

(Rende-se e sorri) Não tô me comparando a nada, Maria. Aliás, você me parece muito...

MARIA

Esclarecida.

ALCEU

Pra alguém que mora no meio do nada.

MARIA

A repetição nos ensina muita coisa. E o Jequitinhonha não é sinônimo de ignorância.

ALCEU

Eu não disse isso.

MARIA

Eu não disse que você disse.

ALCEU

O tempo corre, Maria. Se não conseguir fazer você assinar, e eu definitivamente não vou te obrigar a isso, vão mandar outro. E outro. E outro. Mais cedo ou mais tarde, por bem ou por mal, conseguem.

MARIA

Quando eu era pequena, Alceu, costumava fazer aviões de papel. Eu achava que se jogasse o aviãozinho ao vento, ele chegaria onde eu quisesse. Então eu fiz um e escrevi assim nele: “para os japoneses: por favor, inventem uma máquina do tempo”. Diziam que os homens de olhinhos puxados inventavam tudo. Não uma máquina pra viajar no tempo. Mas pra parar o tempo. Só de vez em quando. E pedi ao vento que entregasse meu aviãozinho.

ALCEU

Pelo jeito os japoneses não receberam o aviãozinho.

MARIA

Sabe o que se conclui disso, Alceu?

ALCEU

Que tudo que se joga ao vento assume o destino do vento.

MARIA

(Olha para ALCEU com olhar de estranheza. Breve silêncio) Só concluí que eu devia ter usado os Correios.

ALCEU

Ou talvez esteja voando ainda o seu aviãozinho. O Japão é longe Maria.

MARIA

Gosto do seu otimismo Alceu.

ALCEU

Não fosse ele, eu não estaria aqui pela... Décima vez?

MARIA

Minha memória recente é péssima. Mas posso dizer que já foram encontros suficientes para um primeiro beijo. Na bochecha.

ALCEU

Não ousaria nada além.

Silêncio. MARIA encara ALCEU, com um sorriso indagador no canto da boca.

ALCEU

Claro... Por respeito.

MARIA

Alceu, desde a primeira vez, você vem aqui com um único objetivo: me foder.

ALCEU

Por favor...

MARIA

Não esperava isso de mim, não é? Um palavrão.

ALCEU

Cortesia do Jequitinhonha?

MARIA

O imprevisível. Mais do que tudo, Alceu, é isso que torna as pessoas interessantes.

ALCEU

Sinceramente...

MARIA

Eu assino, Alceu.

ALCEU

O quê?

MARIA

Os papéis. Eu assino.

ALCEU

Assina? Como?

MARIA

Caneta. A lápis não tem valor.

ALCEU

Não, quero dizer...

MARIA

Fui muito imprevisível em tão curto espaço de tempo. Eu espero você assimilar.

Breve silêncio. ALCEU vacila.

ALCEU

Olha, Maria, eu não queria pressionar tanto, mas sabe como são. Me apertam o tempo todo e tenho medo que possam fazer alguma coisa, sabe... Alguma coisa de ruim com você.

MARIA

Assimilou rápido.

ALCEU

E, cá entre nós, é um acordo muito vantajoso. Essas terras não valem nem a metade do que te oferecem. E posso garantir: petróleo não vão achar por aqui.

MARIA

O que essas terras tinham de valioso, os homens ou o tempo já levaram.

ALCEU

Pois então...

Breve silêncio. ALCEU prepara a papelada.

MARIA

Você me disse que os trens não fazem curva, não é, Alceu?

ALCEU

É... Mais ou menos isso.

MARIA

Então que escolha há, Alceu? Uma pobre mulher não pode frear os trilhos do progresso.

ALCEU

Andou pensando sobre o assunto.

MARIA

Teria assinado no primeiro dia, fosse sua conversa um pouco menos... Interessante.

ALCEU para por um instante. Olha para MARIA.

ALCEU

Tentou. Tentou, mas dessa vez não conseguiu me irritar. Tirando o calor e a longa caminhada, essas visitas foram até bem agradáveis para alguém que vive enfurnado em um escritório.

MARIA

Você tem um bom coração, Alceu. Voltou porque nunca usou sequer um imperativo na hora de me pedir pra assinar.

ALCEU

É meu trabalho, mas eu entendo a situação. O lugar deve ter muitas lembranças.

MARIA

E na hora de propor o acordo, quem calcula o valor das lembranças, Alceu? O Deus-engenheiro?

ALCEU

Eu sei que não se pode calcular isso, Maria. Entendo.

MARIA

Eu sei que me entende, Alceu. Por isso vou assinar. Assim que acabar de te contar a história.

ALCEU

Já me contou a história, Maria. Da última vez me contou. Que aqui havia um circo, não é? Um circo que não viajava, que se apresentava só na cidade.

MARIA

Foi o circo quem deu nome a esse lugarejo. Que hoje não tem mais circo nem nome. Só essa casinha num lugar onde não se sabe nem se é Minas ou Bahia.

ALCEU

Me contou, Maria.

MARIA

Mas teve um dia especial nessa cidade. Um dia que nunca foi contado pra ninguém. Foi nesse dia que tudo isso começou a virar trilho de trem.

ALCEU

Faço uma visita à sua casa nova, aí você me conta tudo. Com broa e café.

MARIA

Quando a casa for derrubada, não haverá mais história, Alceu.

Breve silêncio. ALCEU está ansioso.

ALCEU

Maria... Quanto tempo mais?

MARIA

Reclame com os japoneses. Ou com o vento.

Outro breve silêncio. ALCEU está impaciente. Relaxa e se conforma em ouvir a história.

ALCEU

O que aconteceu nesse dia, Maria?

MARIA

Quer mesmo saber?

ALCEU

(Sorrindo) Não... Mas você também não quer assinar.

Sorriem.

MARIA

Você acredita na perfeição, Alceu?

ALCEU

É o que todos buscam. Em tudo.

MARIA

Todos buscam, Alceu. Poucos encontram.

ALCEU

Raros... E felizes.

MARIA

Nesse dia, Alceu, a cidade recebeu um novo morador. Como quase todo morador da cidade, havia se perdido no meio do Jequitinhonha e acabou vindo parar nessa lonjura... Mais um João.

A luz que marcava a ação no proscênio vai apagando lentamente. MARIA e ALCEU saem de cena. As cortinas vão se abrindo e, ao fundo, temos o palco limpo, apenas com algumas referências a um descampado semiárido. A iluminação deve transmitir o calor do ambiente.

CENA III – Nome de russo é uma coisa difícil de pronunciar.

Da plateia surge JOÃO, com as mãos em concha, levando um punhado d'água. Ele dialoga com sua própria imagem refletida na parca porção d'água. Tem as roupas surradas e sujas. No palco, à meia luz, entra ZARA, com uma espécie de cajado e vários livros pendurados em sua roupa. ZARA canta.

ZARA

Mais um João...

Pra quem a terra disse não.

Jão de Deus...

Pra quem o céu já disse adeus.

Outro Jão...

Pra quem o mar virou sertão.

Jão Ninguém...

Pra quem o sol já disse amém.

JOÃO

Ô, meu São Gelásio, me ajude nessa indecisão. Ou bebo minh'alma e salvo meu corpo, ou conservo minh'alma e entrego meu corpo aos urubus. (*Falando para seu próprio reflexo no punhado d'água que carrega nas mãos*) Num é justo isso, né? Você me acompanhou até aqui, no meio do nada. Ah... A sede num pode ser maior que a solidão. Eu tenho que resistir. E num fique aí me olhando desse jeito. Cara feia da peste. Nem ao menos um sorrisinho pra aliviar essa andança toda (*silêncio*). Inda por cima num fala nada. Fica aí calada só me encarando. Êita diacho de alma mais desalmada ocê, viu? (*Silêncio*) Se bem que só de olhar procê eu me sinto menos perdido. Menos perdido que naquela cidade grande. Melhor teu silêncio aí, tua cara feia que aquele monte de sorriso lá. Ah... Mas se eu te bebesse só um

pouquinho? Só pra molhar os beijos. Tu num seria menos alma, seria? Quer dizer, você continuaria aí, só que menor. (*Para. Reflete por um instante*) Mas o que diacho eu tô fazendo? Isso é só minha cara feia refletida num punhado d'água. O sol já tá torrando meus miolos!

Quando ameaça beber a água, ouve a voz de ZARA. Assusta-se e deixa a água cair no chão.

ZARA

Indo ou vindo, ser errante?

JOÃO

Ah... Num acredito. (*Cava o chão, como se buscasse recuperar a água – ou a alma – caída*) A terra que come a carne agora quer beber minha alma... Êita diacho de terra gulosa.

ZARA

Indo ou vindo, ser errante?

JOÃO

Indo pro nada. Vindo de lugar nenhum.

ZARA

Parece com sede.

JOÃO

Pareço? Pareço com sede? Pois eu venho andando a mais de num sei quantas léguas, sozinho, debaixo desse sol escaldante, sem sequer um vestígio de líquido e o senhor ainda vem dizer que eu pareço estar com sede...

ZARA

(*Tirando um velho cantil e oferecendo a JOÃO*) Beba...

JOÃO

(*Sem graça*) Desculpe. É que o só e o sol já tão me deixando louco (*bebe*).

ZARA

As pessoas costumam se perder por essas bandas. Andar em círculos. É tudo muito igual. Não há referências.

JOÃO

(Se esbaldando com a água) Pois sim. Eu mesmo já devo ter passado por aqui umas trinta vezes. Mas fazer o quê? É só terra.

ZARA

Não... Por aqui não passaste ainda.

JOÃO

E como sabe?

ZARA

Eu sei.

JOÃO

E sabe como?

ZARA

Um profeta sabe de muitas coisas.

JOÃO

(Rindo, quase cuspiendo a água) Ah... O senhor então é um profeta? Daqueles dos tempos do Santo Cristo...

ZARA

Profetas sempre existiram. E por aqui já não são muitos.

JOÃO

Pois lá na cidade grande, que é de onde eu venho, tem um em cada esquina.

ZARA

Então já sabemos de onde vens. Resta o “pra onde vais”.

JOÃO

Eu vou pra onde tiver água fresca, feijão quente e colchão mole. Pronto, lhe ajudei no segundo enigma.

ZARA

Andar em círculos é buscar sempre um novo mesmo começo. Voltar ao ponto de onde tudo começou.

JOÃO

É o que o senhor tem feito? Andado em círculos?

ZARA

É o que todos nós fazemos. O que é grande no homem é ele ser uma ponte e não uma meta (*pausa*). E é por isso que estás voltando... Pra tua terra. Lá em cima.

JOÃO

Como sabe que eu tô... É... É isso mesmo, profeta.

ZARA

Tomo conta dessas bandas. Vigio tudo que voa, anda ou rasteja...

JOÃO

E já me enquadraste na categoria de rastejante, num foi? Pode dizer...

ZARA

Não estou te vigiando. Só estou aqui pra te dar boas vindas.

JOÃO

Oxe... Mas boas vindas de onde? Só o que vejo é terra. Num há lugar nenhum aqui.

ZARA

Todo lugar é um lugar, meu pobre viajante.

JOÃO

(*Cumprimenta ZARA*) Olhe, de qualquer forma prazer e muito grato pela água. Sou João.

ZARA

João de quê?

JOÃO

João qualquer. João é de nascença, o “qualquer” é de procedência. Uma homenagem do meu pai ao Garrincha.

ZARA

O jogador.

JOÃO

É! O jogador. O senhor conhece? Mané Garrincha. Meu pai dizia que todo cabra que o Garrincha driblava ele chamava de João. Isso porque ele não sabia dizer direito o nome dos estrangeiros. Nome de russo é uma coisa difícil de pronunciar, já tentou? Aí pra ele era só mais um João. É isso que eu sou. Um João. Mais um. Qualquer.

Breve silêncio.

JOÃO

Já tentou pronunciar nome de russo?

ZARA

Não.

JOÃO

Nem eu. Pra quê, né? Aliás, como é que o profeta aí se chama? Profeta também tem nome, num tem? Ou é só profeta?

ZARA

Zara (*breve silêncio*). De Zarathustra.

JOÃO

Mas isso é nome de russo! Num é?

ZARA

Não importa.

JOÃO

Zara lhe cai bem. Parece mesmo nome de profeta. (*Idealiza*) Zara, o profeta. Taí. Bom nome de profeta. Zara... (*Começa um devaneio para si mesmo*) Salve, Zara... Zara vive! Zara voltará... Sarava, Zara! A bênção, Zara! (*Beija a mão de ZARA*).

Breve silêncio.

ZARA

Já viste algum demônio, João?

JOÃO

Longe de mim! Sou devoto de São Gelásio. Eu entro com a devoção e ele cuida de manter esse tipo de coisa bem longe de mim.

ZARA

E se num cochilo de seu protetor, um demônio lhe aparecesse. E lhe dissesse que esta vida, do mesmo jeitinho que viveu e vive até agora, terias de viver de novo. Várias e várias vezes. Inúmeras vezes. E não haverá nadinha de novo nela. Cada sofrimento, cada alegria, cada coisinha pequena ou grandiosa retornaria para ti. Esse sol cortante, essa terra seca, até esse broche de teu protetor. As mesmas coisas. A mesma sucessão de coisas, a mesma sequência. Várias e várias vezes, como uma ampulheta do tempo. Ela acaba, você vira e repete. Num eterno retorno. Imagine o infinito. Agora pense que cada ato que você escolher, você escolherá para sempre. Então tudo que você não fez, não falou, não ouviu... Toda vida não vivida permaneceria aí dentro de você. Não vivida. Por toda a eternidade (*silêncio*). Te agrada essa ideia?

Silêncio.

JOÃO

Olhe... Se eu entendi bem, não me agrada muito não.

ZARA

O igual... É o que lhe perturba?

JOÃO

Não é exatamente o igual que me avexa. É o igual ruim. Porque se fosse um igual bom, só cheio de coisa boa, eu me daria por demais satisfeito.

ZARA

(*Muda o tom*) Tem uma cidade. Onde pode encontrar isso.

JOÃO

Isso...

ZARA

Lá pode encontrar água fresca, comida quente e colchão macio. Todo dia.

JOÃO

Por hoje só já me “saceia”.

ZARA

Vais ficar um dia só. E todos eles.

JOÃO

Tenho que voltar pra minha terra, que é bem mais lá em cima. Tô de passagem só.

ZARA

(Sorri e vai saindo) Um único dia. E todos eles.

JOÃO

E pra que lado fica?

ZARA

O quê?

JOÃO

A cidade... Pra que lado fica?

ZARA

Já está nela, João.

JOÃO

Nela onde?

ZARA

Na Cidade do Circo dos Dias Iguais.

JOÃO sai de cena, atrás de ZARA. Entram em cena todos os artistas do circo, com exceção de MARIA LINDA e ANASTÁCIO. Eles montam o cenário. Cada

personagem entra com seus apetrechos de encenação circense e os montam no palco. Aos poucos, ganha vida uma espécie de camarim.

CENA IV – O Circo da Cidade do Circo.

Estamos nos bastidores de um circo, no local em que os artistas se preparam para entrar em cena. Temos vários elementos circenses. Aos poucos, vão surgindo um trapézio, um grande canhão humano todo colorido, malabares, caixas e outros elementos que transmitam toda a atmosfera do circo. Há ainda uma espécie de boneco gigante ao fundo, coberto por um grande pano colorido. Identificam-se apenas as formas da estranha figura. Eles montam o cenário à medida que cantam, ao som de um suave instrumental que vai crescendo. As vozes podem se sobrepor. O ritmo da melodia deve ser lento e repetitivo.

A cidade do circo dos dias iguais

à cidade do circo dos iguais aos dias de circo na cidade igual....

aos iguais da cidade dos dias de circo.

Do circo igual à cidade de dias iguais à cidade do circo dos dias...

iguais ao circo de dias iguais à cidade do circo dos iguais aos dias de circos iguais...

ao circo dos dias de cidade iguais aos iguais da cidade dos dias de circo...

na cidade do circo dos dias iguais.

Aos poucos vão baixando o volume das vozes, até que a música desapareça em fade. Em cena, fica apenas PÃ. Ele interage com seu canhão humano. Dá uma lustrada no canhão e finalmente pega uma espécie de lixa. Começa a lixar a boca do canhão lentamente. Aos poucos, o lixar vai ficando mais intenso, quase desesperado. Ele para e tenta entrar no canhão. Percebe que ainda não cabe. Lamenta. Volta a lixar a boca do canhão. Entra ANASTÁCIO, tentando calçar suas botas.

ANASTÁCIO

Pã! Pãããã!

PÃ

(Deixando a lixa e o canhão de lado) Que foi, Mestre?

ANASTÁCIO

Me ajude com essas botas.

PÃ

Apertadas ainda?

ANASTÁCIO

Ainda.

PÃ

E não cederam? O sapateiro não disse que cederiam?

ANASTÁCIO

Mas não cederam.

PÃ

(Ajudando ANASTÁCIO a calçar as botas, num grande esforço) Mas essas botas costumam mesmo ceder.

ANASTÁCIO

Mas a minha não cedeu.

PÃ

Quer que eu fale com o sapateiro? Elas deviam ter cedido.

ANASTÁCIO

Não. Talvez ainda cedam. Além do mais, o sapateiro deve estar ocupado treinando o número das argolas.

PÃ

Deixou cair de novo na apresentação de ontem.

ANASTÁCIO

Precisa se concentrar mais. Se fosse tão bom com as argolas quanto é com o ofício de sapateiro, já seria uma estrela desse circo.

PÃ

São de fato bonitas as botas.

ANASTÁCIO

(*Admirando as botas*) De fato... Mandou afiar as facas? Íris estava com pouca ponta ontem.

PÃ

Íris e Diana. Já estão com Narciso. Disse que antes do fim da tarde entrega. Estava com muito serviço.

ANASTÁCIO

Pois o mande passar o meu na frente. Aliás, mande-o cancelar pelo menos a metade dos serviços. Por isso seu número de trapézio não evolui. Tem trabalhado demais e treinado de menos.

PÃ

Eu falo, Mestre.

ANASTÁCIO

As "Irmãs Twin". Achei que ontem não estavam no mesmo ritmo da música. Estavam adiantadas. Não estão treinando com música?

PÃ

Que eu saiba sim, Mestre.

ANASTÁCIO

Pois não tenho ouvido.

PÃ

Trabalham com ela baixa. Que é pra não atrapalhar os outros treinos. Alguns números precisam de concentração... Como o do senhor, Mestre.

ANASTÁCIO

Ainda assim estavam adiantadas ontem. Circo é precisão, meu caro Pã. Precisão em todos os detalhes. (*Se aproxima de PÃ, com uma de suas facas muito próxima à face do anão*) No ritmo de uma dança... Ou no atirar de uma lâmina.

PÃ

(*Esquivando-se*) Maria Linda como sempre esteve fantástica.

ANASTÁCIO

Como sempre. Como poucos.

PÃ

Espere até eu estreiar meu número, Mestre. Será igualmente fantástico.

ANASTÁCIO

(Sorri, gargalha) Hahahaha... Anão idiota!

PÃ

Só mais alguns dias, Mestre.

ANASTÁCIO

Eu espero... Hahahahaha... Eu espero.

Entram TORAH e BRIGITE.

TORAH

Já lhe disse que é impossível. Não dá pega.

BRIGITE

E se a gente pedisse ao marceneiro pra que fizesse uma alça.

TORAH

Não aguentaria. Hora ou outra cederia...

BRIGITE

Com parafuso e tal.

TORAH

Hora ou outra cederia. E não seria mais uma caixa. Seria uma mala.

BRIGITE

Que diferença faz?

TORAH

Teria que trocar o nome do número. E disso Mestre Anastácio não gosta.

ANASTÁCIO

Não mesmo.

BRIGITE

Mas seria uma palavrinha só.

ANASTÁCIO

Ficaria ridículo. “O Fantástico Número da Mala”. Nesse caso uma palavra faz diferença. Contorcionistas entram em caixas, não em malas.

TORAH

E sem uma alça, que transforma sua caixa em mala, eu não teria como levantar a caixa do chão.

BRIGITE

Tá com medo de não aguentar?

TORAH

(Sente-se afrontado) Bobagem.

BRIGITE

Muito pesado pro homem mais forte do mundo, né?

TORAH

Bobagem. Poderia levantar você e sua caixa mesmo se não tivesse nenhum dos braços.

BRIGITE

(Provocando) Mas e a pega? Como faria com a pega?

PÃ

Alça não pode. Se não vira mala. E mala o Mestre não...

ANASTÁCIO

Já chega. Arrumem outra maneira de interagir os números.

BRIGITE

Mas seria perfeito. Eu entro na caixa e ele me levanta. Contorcionismo e força num mesmo número.

TORAH

Sem alça não dá pega.

PÃ

Com alça vira mala.

ANASTÁCIO

Arrumem outra forma. Outro tipo de interação.

BRIGITE

Vou procurar alguém que tenha os dois braços.

PÃ

Podemos interagir nossos números, Brigitte. Assim que terminar de ensaiar o meu.

BRIGITE

(Antipática) O fato de ter dois braços não te credencia a nada comigo.

ANASTÁCIO

(Grita) Margot! Margot!

MARGOT entra em cena.

ANASTÁCIO

(Para BRIGITE) Combine com Margot. Contorcionismo e magia costumam casar bem.

MARGOT

Não gosto de interagir meus números.

ANASTÁCIO

O espetáculo precisa de mais interação.

BRIGITE

Poderia me fazer desaparecer... Eu entro numa caixa minúscula e você me serra ao meio!

ZÉFIRO vai entrando em cena.

ZÉFIRO

Basta de desmembrados por aqui, não?

BRIGITE

A serra não me serra. É aí que entra a mágica! Não é, Margot?

MARGOT

Precisaria de olhos para o número da serra.

BRIGITE

Já vi mágicos fazerem esse número de olhos vendados.

MARGOT

Para um mágico, olho vendado não quer dizer falta de visão. Para um cego sim. Impossível.

ZÉFIRO

Posso equilibrar uma pilha de caixas. Até o teto do circo. E você poderia estar numa dessas caixas.

BRIGITE

No topo talvez.

TORAH

E quem colocaria você lá? O único que aguentaria seria eu, mas sem pega...

ZÉFIRO

Poderia ficar embaixo.

MARGOT

Impossível. Muito tempo até empilhar tudo. Morreria sufocada.

ZÉFIRO

Faríamos furos na caixa.

PÃ

Com furos não seria uma caixa. Seria uma gaiola. E aí teríamos que trocar o nome do número. Coisa que o Mestre não gosta.

Nesse momento ouve-se o grito de JOÃO, vindo da coxia.

JOÃO

Ô do circo! Alguém aí?

ANASTÁCIO

Quê isso?

ZÉFIRO

Um grito.

ANASTÁCIO

De onde?

TORAH

Lá de fora.

ANASTÁCIO

E de quem?

MARGOT

Não me é conhecido não. Com certeza alguém de fora.

ANASTÁCIO

Vá ver.

PÃ

Quem?

ANASTÁCIO

Qualquer um. Você mesmo!

PÃ

Eu?

ANASTÁCIO

Se chegou até aqui é porque passou por Zara. E se passou por Zara não pode ser coisa ruim.

TORAH

Mas você acha que...

ANASTÁCIO

Num sei. Pode ser. Mas pode num ser.

MARGOT

E se for?

ANASTÁCIO

Tomara.

BRIGITE

E Maria Linda?

ANASTÁCIO

Mande que fique lá dentro. Por enquanto.

BRIGITE sai.

ANASTÁCIO

(Para PÃ) Ande. Vá ver.

PÃ sai por outro lado do palco. Silêncio. Trilha sonora traz tensão à cena. Os personagens passeiam pelo palco, em movimentos circulares coreografados. Cada um faz sua trajetória. Por vezes, se entreolham. Num dado momento da trilha, param de forma brusca.

ANASTÁCIO

Pode ser. Mas pode num ser.

MARGOT

E como vamos saber se é ou não é?

ZÉFIRO

Até porque nesse caso não é uma coisa que se vê assim, de cara.

TORAH

Como foi com a gente.

ANASTÁCIO

Tempo é coisa que temos de sobra.

MARGOT

Pode demorar dias.

TORAH

Semanas.

ANASTÁCIO

Conforme for, até meses. (*Muda o tom*) Mas pode num ser.

ZÉFIRO

Ou pode ser...

ANASTÁCIO

Tomara.

Volta PÃ. Silêncio.

PÃ

Foi Zara que mandou. Disse que Zara disse que por aqui tinha comida, bebida e leite.

ANASTÁCIO

Nada de especial?

PÃ

À primeira vista não...

MARGOT

Olhos?

PÃ

Pretos. Ebugalhados.

ZÉFIRO

Pernas...

PÃ

Carcomidas. E meio tortas.

TORAH

Braços fortes?

PÃ

Esquálidos.

ANASTÁCIO

Nada de especial...

PÃ

A princípio, nada.

Novo silêncio.

ANASTÁCIO

Mande entrar. Isso! Mande entrar. Que nome?

PÃ

Chama João. Disse que tá só de passagem. Tem sotaque carregado. Deve ser mais lá de cima.

ANASTÁCIO

Isso. Mande entrar.

PÃ sai novamente. Entra BRIGITE.

ANASTÁCIO

É... Pode ser.

BRIGITE

Mandei que Maria Linda ficasse por lá.

ANASTÁCIO

Mandou que se arrumasse?

BRIGITE

Vestido rosa...

ANASTÁCIO

Vestido rosa. Pintura de sempre?

BRIGITE

De sempre.

Volta PÃ, com JOÃO. Ao entrarem, BRIGITE, ZÉFIRO e TORAH olham minuciosamente para JOÃO, como se procurassem algo em sua parca carcaça.

JOÃO

Licença.

ANASTÁCIO

À vontade, meu caro.

JOÃO

Olhe, eu não quero incomodar.

ANASTÁCIO

Não incomoda. Visitantes são sempre bem vindos à Cidade do Circo.

PÃ

E ao Circo da Cidade.

JOÃO

Um sujeito meio embolado das ideias disse que aqui eu encontraria... bem... Não sei nem como pedir isso...

ANASTÁCIO

Apenas peça.

JOÃO

É que eu tô vindo de longe, lá da capital e acabei me perdendo por essas bandas.

PÃ

As pessoas sempre se perdem por aqui.

JOÃO

Então caminhei mais que o programado e já não tenho mais o que beber...

ANASTÁCIO

Torah, traga água. Fresca, na moringa.

TORAH sai.

JOÃO

Eu nem sei como agradecer...

ANASTÁCIO

E o rapaz tem fome?

JOÃO

Olhe, se tiver por aí um de comer eu num vou fazer pouco caso não.

ANASTÁCIO

Zéfiro, traga pão e salame. Frutas frescas também.

ZÉFIRO sai. Volta TORAH com uma moringa com água.

JOÃO

Que São Gelásio lhe pague em dobro!

JOÃO bebe muita água, alternando suas falas às goladas na moringa.

JOÃO

Como eu ia lhe dizendo, tô voltando da capital. Saí lá de riba pra tentar a vida na cidade grande, mas a verdade é que prefiro mil vezes a terra seca do que o cimento molhado. Aí tô voltando. Não se preocupem que eu tô só de passagem.

Volta ZÉFIRO com pão e frutas.

JOÃO

Oxe, mas isso é um banquete dos Deuses. Se eu puder agradecer de alguma forma...

ANASTÁCIO

Não se preocupe, João, coma e beba à vontade. Sou Anastácio, esses são Zéfiro, Torah, Margot e Brigite. São todos artistas do meu Circo.

JOÃO

Mais eu tô é no paraíso. Um banquete desses, ainda por cima rodeado de artistas.

ANASTÁCIO

Tem andado bastante então?

JOÃO

Em círculos como disse o outro lá. Ando, ando e não chego a lugar nenhum.

ANASTÁCIO

Deve estar cansado.

JOÃO

Minhas pernas estão que não se aguentam.

ANASTÁCIO

O que acha de deitar um pouco, descansar...

JOÃO

Se não for abusar.

ANASTÁCIO

De maneira nenhuma. Deite, durma até amanhã. Fique uns dias conosco.

JOÃO

A pestana eu vou até aceitar. Mas vai ser coisa de uma horinha ou duas, só pra dar um sossego pras coitadas (*esfrega as pernas*).

ANASTÁCIO

Bobagem... Fique por uns dias. Será um prazer.

JOÃO

Olhe, até gostaria, porque eu adoro circo. Já falei isso? Pois é, eu adoro circo. Principalmente os números de mágica.

MARGOT

Se ficar posso lhe ensinar alguns.

JOÃO

Eu agradeço, mas tenho mesmo que ir. Tô só de passagem mesmo.

Nesse momento entra em cena MARIA LINDA. Figura doce e angelical. Minuciosamente vestida como uma bailarina, tem brilho próprio. No momento em que ela entra, todos os personagens viram os rostos, como se não quisessem olhar diretamente para ela. Com exceção de ANASTÁCIO e MARGOT. Quando vê MARIA LINDA, JOÃO fica hipnotizado com a beleza da moça. Os personagens do circo cantam lentamente, com um leve instrumental.

Maria Linda, quem lhe vê se alucina,
Maria Linda, quem lhe vê não se quer mais,
Maria Linda, quem lhe vê esquece a rima, lhe confunde com menina
Mas não sabe o que tu faz.

JOÃO

(Completamente hipnotizado) E essa? É a sobremesa?

ANASTÁCIO

O quê?

JOÃO

(Voltando a si, mas ainda embriagado pela beleza de MARIA LINDA) Digo... De onde surgiu tamanha beleza?

ANASTÁCIO

Essa é Maria Linda, bailarina do Circo da Cidade. E minha filha.

JOÃO

(*Apresentando-se a MARIA LINDA*) Prazer. Sou João, visitante do Circo da Cidade. E genro dele.

ANASTÁCIO

Não se aproxime muito. Pode estragar a maquiagem de Maria. Daqui a pouco ela se apresenta.

MARIA LINDA

Estou bem, pai? A maquiagem? Forte demais?

ANASTÁCIO

Perfeita!

MARIA LINDA

E o vestido? Era esse que o senhor queria?

ANASTÁCIO

Perfeito!

MARIA LINDA

Cabelo...

ANASTÁCIO

Perfeito!

JOÃO

Mas é a perfeição em pessoa!

ANASTÁCIO

Está quase na hora. Acabem de se arrumar. O espetáculo vai começar. (*Todos se apressam, pegam alguns de seus instrumentos de trabalho e saem. Ficam apenas JOÃO, ANASTÁCIO e TORAH*) E você, João, tem um quatinho ali nos fundos.

Torah te leva até lá. Tem cama macia e travesseiro. Quando sair, é só fechar a porta. Foi um prazer recebê-lo.

JOÃO

Sair?

ANASTÁCIO

É... Quando se for. Num disse que só ia tirar um cochilo?

JOÃO

Disse? É disse... né? Pois pensei melhor e acho que vou aceitar o convite do senhor. Pra ficar uns dias. Isso é, se o convite estiver de pé ainda.

ANASTÁCIO

Claro que está. Você quem sabe. Só vou lhe pedir uma coisinha.

JOÃO

Pois diga.

ANASTÁCIO

Você disse que gosta de circo...

JOÃO

Por demais!

ANASTÁCIO

Pois então pense em um número. Algo pra apresentar no circo.

JOÃO

Eu? Um artista de circo?

ANASTÁCIO

Aqui na Cidade do Circo, todos são, foram ou serão artistas do Circo da Cidade.

JOÃO

Ai, meu São Gelásio! Mas eu num sei se levo jeito pra isso. Pra essa coisa de artista.

ANASTÁCIO

O circo é a arte da sobrevivência, João. E disso você entende bem. Vá descansar! Pense sobre o assunto. Amanhã a gente conversa.

ANASTÁCIO sai.

JOÃO

Oxe... Até penso. Mas acho que tenho coisa melhor pra pensar...

TORAH

O que disse?

JOÃO

No número, Torah. Preciso pensar em um número espetacular. Pra virar artista do Circo da Cidade. Vamos que preciso de cama.

Os dois saem. Trilha sonora de passagem. A luz vai se apagando como se decorresse um dia. Cai em B.O, juntamente com a trilha.

CENA V – Dos dias iguais.

O início dessa cena é idêntico à cena anterior. Como se os dias fossem sempre iguais até a chegada de JOÃO. PÃ está sozinho em cena. De forma idêntica à cena anterior, ele interage com seu canhão humano. Começa a lixar a boca do canhão lentamente. Aos poucos, o lixar vai ficando mais intenso, quase desesperado. Ele para e tenta entrar no canhão. Percebe que ainda não cabe. Lamenta. Volta a lixar a boca do canhão. Entra ANASTÁCIO, tentando calçar suas botas.

ANASTÁCIO

Pã! Pãããã!

PÃ

(Deixando a lixa e o canhão de lado) Que foi, Mestre?

ANASTÁCIO

Me ajude com essas botas.

PÃ

Apertadas ainda?

ANASTÁCIO

Ainda.

PÃ

E não cederam? O sapateiro não disse que cederiam?

ANASTÁCIO

Mas não cederam.

PÃ

(Ajudando ANASTÁCIO a calçar as botas, num grande esforço) Mas essas botas costumam mesmo ceder.

ANASTÁCIO

Mas a minha não cedeu.

PÃ

Quer que eu fale com o sapateiro? Elas deviam ter cedido.

ANASTÁCIO

Não. Talvez ainda cedam. Além do mais, o sapateiro deve estar ocupado treinando o número das argolas.

PÃ

Deixou cair de novo na apresentação de ontem.

ANASTÁCIO

Precisa se concentrar mais. Se fosse tão bom com as argolas quanto é com o ofício de sapateiro, já seria uma estrela desse circo.

PÃ

São de fato bonitas as botas.

ANASTÁCIO

(*Admirando as botas*) De fato... Mandou afiar as facas? Íris estava com pouca ponta ontem.

PÃ

Íris e Diana. Já estão com Narciso. Disse que antes do fim da tarde entrega. Estava com muito serviço.

ANASTÁCIO

Pois o mande passar o meu na frente. Aliás, mande-o cancelar pelo menos a metade dos serviços. Por isso seu número de trapézio não evolui. Tem trabalhado demais e treinado de menos.

PÃ

Eu falo, Mestre.

ANASTÁCIO

As "Irmãs Twin". Achei que ontem não estavam no mesmo ritmo da música. Estavam adiantadas. Não estão treinando com música?

PÃ

Que eu saiba sim, Mestre.

ANASTÁCIO

Pois não tenho ouvido.

PÃ

Trabalham com ela baixa. Que é pra não atrapalhar os outros treinos. Alguns números precisam de concentração... Como o do senhor, Mestre.

ANASTÁCIO

Ainda assim estavam adiantadas ontem. Circo é precisão, meu caro Pã. Precisão em todos os detalhes. (*Se aproxima de PÃ, com uma de suas facas muito próxima à face do anão*) No ritmo de uma dança... Ou no atirar de uma lâmina.

JOÃO

(*Entrando em cena*) Maria Linda esteve fantástica.

ANASTÁCIO

(Recompõe-se. Guarda a faca. Olha para JOÃO) Como sempre. Como poucos.

Breve silêncio.

ANASTÁCIO

Pelo visto teve uma agradável noite de sono. Com uma leve interrupção, talvez.

JOÃO

Quase que engatei um dia inteiro. Mas é que fiquei com aquela história do meu número na cabeça. Aí acordei pra dar uma espiada na apresentação. Pra buscar inspiração.

ANASTÁCIO

E se inspirou? Já escolheu um número?

JOÃO

Ainda não. Mas posso dizer que gostei do que vi!

ANASTÁCIO

Bom. Espero uma posição até a noite. Vou ver com Narciso como andam Íris e Diana.

ANASTÁCIO sai. Rapidamente PÃ pega sua lixa e volta ao minucioso trabalho com o canhão. JOÃO parece não entender o que o anão faz. PÃ lixa e tenta entrar no canhão, sempre com insucesso.

JOÃO

Num seria melhor arranjar um canhão maior? De boca mais larga e profundidade mais funda?

PÃ

Não precisa. Esse mesmo me serve. Só mais algumas lixadas e tá pronto.

JOÃO

Pronto pra quê?

PÃ

Meu número. Meu grande número. O “Anão Bala”.

JOÃO

E onde é que tá o anão?

PÃ

(*Silêncio. Encara JOÃO*) Não comece.

JOÃO

Pois repito. Tô vendo o canhão. Mas onde é que tá o anão?

PÃ

Pois tá aqui mesmo, na tua frente. E não ria. Não deboche. Ou falo com o Mestre e aí acabou-se grande número circense de João.

JOÃO

Mas, homem, você num é lá um gigante, mas se dizer anão, aí já é demais.

PÃ

Tá debochando?

JOÃO

É quase de meu tamanho!

PÃ

Isso é deboche?

JOÃO

Mas claro que não. Deboche seria se eu te chamasse de anão, que é bicho bem do esquisito. Coisa que tu não é!

PÃ

Pois era pra ser!

JOÃO

Como?

PÃ

Anão. É isso que era pra eu ser. O não ser anão é que tá errado.

JOÃO

Não ser anão? Ah não... Agora embolou de vez.

PÃ

Imagine um anão que não deu certo.

JOÃO

Mas um anão que não deu certo é um sujeito de tamanho normal.

PÃ

Então!

JOÃO

Mas qual o problema?

PÃ

O problema é que eu devia ser anão.

Silêncio.

PÃ

Minha família é toda de circo. Meu pai dizia que ao invés de sangue, corria serragem nas nossas veias. Nosso teto sempre foi de lona. A família de anões mais respeitada do circo. Pais, tios, tias, avós e até meus irmãos. Eram três. Todos anões. Aí nasci eu. No início, nada de mais. Porque todo mundo nasce pequeno mesmo. Mas aí, quando era pra eu parar de crescer é que se deu a merda toda. Continuei crescendo, crescendo, crescendo. Virei chacota. Me apresentavam como “O Incrível Anão que Cresceu”. E todo mundo ria de mim. Da minha deficiência. Aí fugi do circo. Andei em círculos até chegar aqui. Onde não riem do que eu sou (*pausa*). Entende qual é o problema?

JOÃO

É... Acho que entendo. Aliás, isso eu achei meio estranho aqui. Todo mundo nesse circo, tirando você, Anastácio e Maria Linda, tem... Como dizer? Alguma coisa faltando...

PÃ

(*Continua a lixar o canhão e tentar entrar nele, até o final da cena*) Me sobra tamanho.

JOÃO

Um homem forte sem braço, um equilibrista sem perna e um mágico sem olho... O trapezista não tem uma orelha, o domador não tem nariz, malabarista sem uma das mãos...

PÃ

Brigite não tem as costelas...

JOÃO

Olhe, que fique claro que não tô fazendo pouco de ninguém, mas é bem esquisito...

Entram TORAH e BRIGITE, da mesma forma que na cena IV.

TORAH

Já lhe disse que é impossível. Não dá pega.

BRIGITE

E se a gente pedisse ao marceneiro pra que fizesse uma alça.

TORAH

Não aguentaria. Hora ou outra cederia...

BRIGITE

Com parafuso e tal.

TORAH

Hora ou outra cederia. E não seria mais uma caixa. Seria uma mala.

BRIGITE

Que diferença faz?

TORAH

Teria que trocar o nome do número. E disso Mestre Anastácio não gosta.

Silêncio. Percebem a ausência de ANASTÁCIO.

BRIGITE

E onde está Anastácio?

PÃ

Foi ver as facas. No amolador.

TORAH

E volta?

PÃ

Não sei.

TORAH

E o que decidimos?

PÃ

Esperem o Mestre voltar.

JOÃO

(Para BRIGITE e TORAH) Preciso achar um número.

BRIGITE

E Maria Linda?

PÃ

Se arrumando.

BRIGITE

Vou ver Maria Linda.

BRIGITE sai.

JOÃO

(Insiste para TORAH) Preciso de um número. Alguma coisa pra apresentar no circo.

Silêncio. TORAH só observa.

JOÃO

Pode me ajudar?

TORAH

E o que sabe fazer?

JOÃO

Não muita coisa.

TORAH

E pra quê precisa de um número?

JOÃO

Pra ajudar no circo, ora. Anastácio tem sido bom demais pra mim. Quero retribuir...

TORAH apenas observa. Silêncio. JOÃO se rende.

JOÃO

Tá bom. Tô é tentando arrumar um jeito de ficar mais perto de Maria Linda.

TORAH

Claro...

JOÃO

Mas Anastácio me pediu mesmo pra criar um número.

TORAH

Aí juntou a fome...

JOÃO

Nunca vi “trocinho” mais perfeito.

TORAH

Até demais...

JOÃO

Vai dizer que num acha a moça um pitéu?

TORAH

Acho... Já achei.

JOÃO

Pois acha que tenho chance?

TORAH

Quem sabe...

JOÃO

E ela não tem marido, noivo, namorado, rabo de saia ou coisa do gênero. Tem?

TORAH

Não. Que eu saiba.

JOÃO

Pois então... Me ajude a arranjar um número! Assim posso ficar mais pertinho dela.

TORAH

Por que não tenta alguma coisa com pesos?

JOÃO

Deus me livre e guarde. Sou forte como tu não. Levanto no máximo um tijolinho ou dois.

TORAH

Pegue...

TORAH dá um de seus halteres para JOÃO. Ele segura com um pouco de dificuldade.

JOÃO

Oxe... Até que não é tão pesado não.

TORAH

Ficam leves com o tempo. Mas já levantei pesos de verdade. Um dia. (*Empolga-se, relembrando*) Tinha meu número especial! Era uma haste no meio e seis cadeiras. Três de cada lado. Presas na haste de ferro. Aí eu escolhia seis damas da plateia.

Sempre as mais bonitas. E havia brilho nos olhos delas. Todas queriam fazer parte do número. Não me viam como essa aberração que sou hoje. Mas como homem. Homem forte. E sentavam três de cada lado. E eu as erguia. Até o alto.

JOÃO

Êita, meu São Gelásio. E tudo isso com um só braço?

TORAH

Ainda tinha meus dois braços. Mas hoje, nem com quatro desse (*Mostra o braço*).

JOÃO

As mulheres de hoje tão muito gordas mesmo. Vi na televisão que é por causa da fritura. Na capital tem muito pastel. Já comeste pastel de inhame?

TORAH

O tempo passa, João. Ou você se entrega a ele ou tenta enganá-lo com pesos mais leves.

JOÃO

Mas e o outro braço? O quê que aconteceu com...

TORAH

(*Interrompendo JOÃO*) Num disse que gostava de mágica? Por que não faz um número com Margot?

MARGOT

(*Entrando da mesma forma que na cena IV*) Não gosto de interagir meus números. (*Percebe a ausência de ANASTÁCIO*) Anastácio... Onde está Anastácio?

PÃ

Foi ver as facas. No amolador.

MARGOT

E volta?

PÃ

Não sei.

TORAH continua em cena, num segundo plano, entretido com seus pesos.

JOÃO

Pode me ajudar?

MARGOT

Em quê?

JOÃO

Preciso de um número.

MARGOT

Magia?

JOÃO

Não necessariamente. Pode ser qualquer número.

MARGOT

Então não quer um número. Quer um motivo pra se aproximar de Maria Linda.

JOÃO

Oxe... Além de mágico é vidente, é?

MARGOT

Tem coisas que a gente pega no ar. Nem é preciso enxergar.

JOÃO

Pois então. Me ajuda?

MARGOT

Não sei se posso.

JOÃO

Algum truque que seja. Posso ser teu assistente.

MARGOT

Não preciso de um.

JOÃO

Pois devia ter.

MARGOT

Porque sou cego? Devia ter um assistente porque sou cego?

JOÃO

Também por isso. Mas fora isso, mágicos têm assistentes.

MARGOT

Mágicos que enxergam têm assistentes. Mágicos cegos não.

JOÃO

Oxe... Como assim?

MARGOT

Magia é a arte da escuridão, João. Quanto mais obscura, mais perfeita. Mágica é o que ninguém vê. É enganar os olhos. Bom mágico é aquele capaz de cegar uma plateia.

MARGOT faz um pequeno número de mágica. Pode tirar uma moeda do ouvido de João.

JOÃO

Mas já enxergou um dia...

MARGOT

Já tive olhos sim, João. Olhos azuis como o céu do sertão. Mas olhos que viam demais. E isso não é bom pra um mágico. Nem pra um homem apaixonado.

JOÃO

Vendo ou não vendo, é uma estrela desse circo aqui. Vi ontem como a plateia fica inteirinha de boca aberta com sua magia.

MARGOT

E você? O que achou?

JOÃO

Oxe... De se tirar o chapéu.

MARGOT

Que bom.

JOÃO

Só senti falta do número da serra. Aquele que o mágico serra a mulher ao meio.

ZÉFIRO vai entrando, de forma idêntica à cena anterior.

ZÉFIRO

Basta de desmembrados por aqui, não? (*Olha ao redor, procurando por ANASTÁCIO*) E Anastácio?

PÃ

Foi ver as facas. No amolador.

ZÉFIRO

E volta?

PÃ

Não sei.

JOÃO

(*Se aproximando de ZÉFIRO*) Já equilibrei tijolos.

ZÉFIRO

Isso ajuda a ser um operário. Não um artista de circo.

JOÃO

Tudo se aprende. Na construção ou no circo, tudo se aprende.

ZÉFIRO

Não gaste seu tempo aprendendo a se equilibrar. Concentre-se em como levantar.

JOÃO

Mas pra que haja queda num é preciso haver equilíbrio? Num dá pra cair quando nem se chegou no alto ainda.

ZÉFIRO

A gente vive se equilibrando sobre cordas, amigo. Hora ou outra a gente cai. Independente da altura. É inevitável. A diferença tá em saber levantar.

JOÃO

O que me aperreia é que já é difícil se equilibrar com as duas pernas, imagine com uma só.

ZÉFIRO

Meu maior tombo foi quando ainda tinha as duas pernas. De lá pra cá até que tenho me virado bem.

JOÃO

É... Melhor desistir disso tudo.

ZÉFIRO

E de Maria também?

JOÃO

Oxe, até tu?

ZÉFIRO

E tô errado?

JOÃO

Não... Mas preciso de um número.

Volta BRIGITE.

ZÉFIRO

Brigite pode lhe ajudar.

JOÃO

Com o número?

ZÉFIRO

E com Maria Linda.

JOÃO

Vou falar com ela.

JOÃO aproxima-se de BRIGITE, que arruma suas coisas. MARGOT senta-se em um segundo plano, arrumando seus aparatos de magia.

JOÃO

Olá, Brigitte.

BRIGITE

Olá, novato.

JOÃO

Tava pensando que você podia me ajudar com meu número.

BRIGITE

E já pensou em alguma coisa?

JOÃO

Pensei. Pensei sim. Aliás, só tenho é pensado nisso.

BRIGITE

Num tô falando dela, tô falando do número. Pra se aproximar dela, precisa de um número. Tem que ser artista, num pode ser plateia.

JOÃO

Oxe, mas tô dando tanta bandeira assim?

BRIGITE

Não... Só joguei um verde.

JOÃO

E caí... Igual palhaço.

BRIGITE

Hein?

JOÃO

Caí... no teu verde.

BRIGITE

Que nem...

JOÃO

Que nem palha... Que nem palhaço.

BRIGITE

Então acho que encontrou tua vocação circense.

JOÃO

Palhaço.

BRIGITE

O palhaço do Circo da Cidade.

JOÃO

É verdade. Todo circo tem palhaço. (*Silêncio. Dúvida*) Mas nesse num tem. Por que num tem?

BRIGITE

Anastácio não gosta.

JOÃO

Mas aí danou-se.

BRIGITE

Diz que palhaço é função marginal. Que só serve pra prender a atenção do público enquanto os artistas de verdade preparam seus números.

JOÃO

Danou-se.

BRIGITE

Não gosta, mas sabe que é preciso ter um.

JOÃO

E por que num tem?

BRIGITE

Anastácio diz que palhaço é o personagem mais puro do circo.

JOÃO

Puro?

BRIGITE

Puro. De bom coração. E segundo ele não há ninguém com tal pureza aqui. Até agora.

JOÃO

E eu lá sou puro?

BRIGITE

Num sei... É?

JOÃO

Num sei... Sou?

BRIGITE

Num sei... Pode ser!

JOÃO

E como descubro isso? Como descubro se sou puro? Como descubro se posso ser palhaço? (*Pausa*) Você... Como descobriu que era boa no que faz?

BRIGITE

Fazendo. Tentando. Me enfiando dentro de tudo que via. Confesso que depois que tirei umas costelas facilitou bastante.

JOÃO

Coisa de doido! Pã me falou.

BRIGITE

Mas isso num importa agora. Importa é se quer ou não quer ser palhaço.

JOÃO

Querer eu quero, só não sei se posso.

BRIGITE

E nem vai tentar, novato?

JOÃO

Num sei... Vou?

Nesse momento entra MARIA LINDA. BRIGITE se afasta. JOÃO, mais uma vez está hipnotizado.

MARIA LINDA

Olá, novato.

JOÃO

É João. É João meu nome.

MARIA LINDA

Num deixa de ser novato.

JOÃO

João novato, seu criado.

MARIA LINDA

Me disseram que tá procurando um número.

JOÃO

Tô. Tô sim... Um número. Mas acho que já encontrei.

MARIA LINDA

E do que se trata? Envolve magia?

JOÃO

Não.

MARIA LINDA

E mexe com fogo?

JOÃO

Não.

MARIA LINDA

Tem malabares?

JOÃO

Nem...

MARIA LINDA

Feras?

JOÃO

Tampouco.

MARIA LINDA

E dança?

JOÃO

Nem com reza braba.

MARIA LINDA

Mas que diabo de número mixuruca é esse?

JOÃO

Palhaço. É isso. É isso que eu sou. Palhaço.

Silêncio. JOÃO espera uma resposta negativa de MARIA LINDA. Está desiludido, como se tivesse colocado tudo a perder. Ela o surpreende com a resposta.

MARIA LINDA

Jura?

JOÃO

Que vou ser palhaço? Juro. Juro sim.

MARIA LINDA

E já falou com papai?

JOÃO

Ainda não.

MARIA LINDA

Papai não gosta muito de palhaços.

JOÃO

E tu? Também não?

MARIA LINDA

Não.

JOÃO

Não de não gosta ou não de não desgosta.

MARIA LINDA

Não de gosto. Gosto muito! Palhaço é a coisa mais linda de um circo.

JOÃO

Mas tu acha mesmo? De verdade? Ou tá falando só pra me agradar?

MARIA LINDA

E pra quê ia querer lhe agradar?

JOÃO

Pra quê, né? Olha, pois amanhã tu vai ver em cena o palhaço mais lindo do mundo!

MARIA LINDA

Jura?

JOÃO

Por meu Santim Gelásio.

MARIA LINDA

Pode se apresentar depois de minha dança.

JOÃO

Perfeito! Perfeito demais!

MARIA LINDA

Se quiser, posso até te apresentar. Mas só da primeira vez que é pra meu pai não ficar com ciúmes. É função dele, sabe?

JOÃO

E ele deixaria?

MARIA LINDA

Primeiro tem que convencer ele de que pode ser palhaço. Depois deixa comigo.

JOÃO

Jura?

MARIA LINDA

Juro. Pois trate de arrumar uma roupa, um nariz, umas pinturas.

JOÃO

Pode deixar. Eu mesmo cuido de tudim!

MARIA LINDA

Fale com Brigitte. Ela pode te ajudar com isso!

JOÃO

Falo sim.

MARIA LINDA

Vou acabar de me aprontar. Daqui a pouco o espetáculo começa. Te vejo amanhã então, palhaço (*sorri de forma meiga para JOÃO, que se derrete. BRIGITE percebe e se aproxima. MARIA LINDA sai*).

BRIGITE

É, palhaço... Acho que tu leva mesmo jeito pra coisa.

JOÃO

E vai me ajudar a ser palhaço?

BRIGITE

A cara tu já tem. Agora precisa de roupas.

Saem. Entra trilha sonora. B.O.

CENA VI – Dos dias de circo.

O início dessa cena é idêntico à cena anterior. No entanto, ela está mais adiantada, na parte em que PÃ já lixa intensamente a boca de seu canhão. Entra ANASTÁCIO, tentando calçar suas botas.

ANASTÁCIO

Pã! Pãããã!

PÃ

(Deixando a lixa e o canhão de lado) Que foi, Mestre?

ANASTÁCIO

Me ajude com essas botas.

PÃ

Apertadas ainda?

ANASTÁCIO

Ainda.

PÃ

E não cederam? O sapateiro não disse que cederiam?

ANASTÁCIO

Mas não cederam.

PÃ

(Ajudando ANASTÁCIO a calçar as botas, num grande esforço) Mas essas botas costumam mesmo ceder.

ANASTÁCIO

Mas a minha não cedeu.

PÃ

Quer que eu fale com o sapateiro? Elas deviam ter cedido.

Entra JOÃO em cena. Ele está caracterizado como um palhaço. É uma fantasia toda remendada, com pedaços disformes de tecidos. Tem um enorme nariz de palhaço e maquiagem no rosto. Silêncio. ANASTÁCIO está boquiaberto.

ANASTÁCIO

Que palhaçada é essa?

JOÃO

Pois é isso mesmo.

ANASTÁCIO

Mas o que significa...

JOÃO

Meu número já está escolhido! O Circo da Cidade agora tem um palhaço!

PÃ

O Mestre não gosta de palhaços.

JOÃO

Num gosta, mas precisa...

ANASTÁCIO

Não preciso de um palhaço.

JOÃO

Mas quem vai divertir a plateia enquanto os artistas preparam seus números?

ANASTÁCIO

Eu já faço isso.

JOÃO

Mas quem vai divertir a plateia enquanto o Mestre prepara o seu número?

ANASTÁCIO

Não precisamos de um palhaço. Precisamos de um artista.

JOÃO

E esse artista não pode ser um palhaço?

ANASTÁCIO

Palhaço não é artista.

JOÃO

E esse palhaço não pode ser artista?

Silêncio. ANASTÁCIO olha diretamente para JOÃO.

ANASTÁCIO

A roupa até que lhe caiu bem.

JOÃO

Eu mesmo que fiz. Com ajuda de Brigitte.

ANASTÁCIO

A pintura não está ruim.

JOÃO

Aí foi só com Brigitte mesmo.

ANASTÁCIO

Mas não precisamos de um palhaço.

JOÃO

Oxe, Anastácio. Num foi o senhor mesmo que me pediu um número? Pois então! Eu to lhe dando esse número. Tenho certeza que o senhor não vai se arrepender.

ANASTÁCIO

Mas palhaço é uma função tão...

JOÃO

Marginal! Eu sei... Mas é onde sempre me coloquei na vida. À margem de tudo e de todos. Por isso digo que posso ser palhaço.

ANASTÁCIO

Não é isso que define um palhaço (*pausa*). É o coração. Nada é mais puro que o coração de um palhaço. Quando não há sorriso na boca das crianças, é porque falta pureza. Quando não se ouvem as gargalhadas dos velhinhos da primeira fila, é porque falta pureza. E se não há pureza, não há palhaço.

JOÃO

Deixe-me tentar. Se não ouvir nem risos nem gargalhadas, aí sim pode me tirar! Ainda no palco. Com aquelas bengalas gigantes que puxam os maus artistas.

Silêncio.

ANASTÁCIO

Quer mesmo isso, João?

JOÃO

Só tentar.

ANASTÁCIO

Tudo bem. Pode tentar.

JOÃO

Jura?

ANASTÁCIO

Se apresenta antes de mim.

JOÃO

E num pode ser depois de Maria Linda?

ANASTÁCIO

Não abuse.

JOÃO

A ideia foi dela mesma.

ANASTÁCIO

Então que seja.

JOÃO

E ela mesma me apresenta.

ANASTÁCIO

Ideia dela também?

JOÃO

Mas só por hoje. Que é pro senhor não ficar enciumado.

ANASTÁCIO

Enciumado...

JOÃO

Ela que disse.

ANASTÁCIO

Tudo como quiser. Não quero que digam que fui eu o responsável pelo fiasco do palhaço.

JOÃO

Vire essa boca pra lá, homem.

ANASTÁCIO

Concentre-se, palhaço. Daqui a pouco estará em cena.

ANASTÁCIO sai.

JOÃO

Ouviu, Pã?

PÃ

Claro que ouvi.

JOÃO

E então? O que achou?

PÃ

(De forma áspera) Ótimo. O circo agora tem um palhaço.

JOÃO

E num tá feliz por mim?

PÃ

E por que estaria?

JOÃO

Por solidariedade, homem! Anão mais egoísta.

PÃ

Tô concentrado no meu número. Deveria fazer o mesmo.

JOÃO

Pois quer saber? Num aguento mais lhe ver lixando essa porcaria de canhão *(vai na direção de PÃ e toma a lixa de suas mãos)*. Parece doido, homem *(analisa a lixa)*.

PÃ

Pode devolver minha lixa?

JOÃO

Oxe, mas essa lixa tá é mais gasta que a sola de meus pés.

PÃ

Devolva a minha lixa.

JOÃO

É por isso que a boca de teu canhão num aumenta. Tá gasta demais essa lixa!
Devia trocar.

PÃ retoma sua lixa.

PÃ

Não precisa. Essa me serve.

JOÃO

Trabalho de doido, visse?

PÃ

Cuide do seu número. Eu cuido do meu.

JOÃO

Só tava querendo ajudar.

PÃ

Tem com o que se preocupar.

JOÃO

Isso é verdade mesmo. Tenho que agradar Maria Linda.

PÃ

Eu me preocuparia mais em agradar ao Mestre Anastácio.

JOÃO

Maria Linda gostando me basta.

PÃ

Quer um número ou quer Maria Linda, palhaço?

JOÃO

Os dois (*pausa*). Mas quero mais Maria Linda.

PÃ

Então trate de agradar Anastácio. É só isso que importa. Pro Mestre, Maria Linda é a coisa mais perfeita desse mundo.

JOÃO

Compartilho dessa ideia.

PÃ

E ele não vai admitir nada que não seja a perfeição pra Maria Linda. Tem que ser perfeito.

JOÃO

Pare que já tá me dando bambeira nas pernas.

PÃ

Pois concentre-se. Me deixe em paz e concentre-se. Nada aquém da perfeição.

JOÃO

(Olha para a plateia com certa aflição) Ai, meu São Gelásio...

B.O. Trilha sonora de transição.

CENA VII – Invocação a São Gelásio.

É chegado o momento do espetáculo. Ouvem-se aplausos e gritos. Em off, a voz de MARIA LINDA anuncia o número de JOÃO, que está em cena, aflito.

MARIA LINDA

(Em off, num tom bem moderado) Respeitável público do Circo da Cidade e moradores da Cidade do Circo. Gostaria de só mais um segundinho da atenção de vocês.

JOÃO

Oxe, e precisa pedir? Se tá todo mundo de boca aberta só olhando pra ela.

MARIA LINDA

Quero apresentar pra vocês um número especial.

JOÃO

Especial?

MARIA LINDA

É a primeira vez que o Circo da Cidade tem o orgulho de apresentar um número de palhaço.

JOÃO

Oxe, que lá vou eu (*ameaça entrar no picadeiro/coxia*).

MARIA LINDA

O número mais lindo que um circo pode apresentar.

JOÃO

Oxe, num vou não... (*volta*).

MARIA LINDA

Gostaria que vocês recebessem com todo aplauso que um palhaço merece...

JOÃO

Oxe que agora num tem mais volta...

MARIA LINDA

João: o Palhaço do Circo da Cidade.

Aplausos. JOÃO novamente reluta em entrar.

JOÃO

Ah, mas tem volta sim! Num vou conseguir. Tá querendo enganar quem, João? Tu num é capaz de fazer nem uma hiena sorrir.

Silêncio. MARIA LINDA insiste.

MARIA LINDA

Com vocês, João: o Palhaço do Circo da Cidade.

JOÃO está relutante ao extremo. Faz que vai, mas não vai. MARIA LINDA insiste, agora quase gritando.

MARIA LINDA

Joããããooo. O Palhaço do Circo da Cidade.

JOÃO permanece na indecisão.

JOÃO

Se for posso ser um fiasco. Se num for vou ser um cagão. Oh meu São Gelásio, quem é que o senhor recebe melhor aí em seu recanto divino, um fiasco ou um cagão?

MARIA LINDA entra em cena.

MARIA LINDA

Que foi, João? Nem começou teu número e já tá de palhaçada?

JOÃO

Tô não...

MARIA LINDA

Tem que entrar, João! A plateia tá te esperando.

JOÃO

Pois sirva um cafezinho a eles... E umas bolachas.

MARIA LINDA

Já te anunciei. Não ouviu?

JOÃO

Pior que ouvi. A lindeza mais linda do circo me apresentando. Deve ser por isso que tô me borrando todo.

MARIA LINDA

Olhe! Olhe cá por essa fresta.

Ela o chama para um ponto do palco em que, supostamente, pode-se ver a plateia. Pode ser por detrás de um pano, um objeto ou mesmo no canto, bem rente a uma das coxias.

MARIA LINDA

Tá vendo?

JOÃO

Tô.

MARIA LINDA

É teu público agora.

JOÃO

Coisa esquisita isso aqui viu. A mesma plateia de ontem. E de anteontem. E de antes de anteontem. E todo mundo sentado no mesmo lugar. Olhe aquele moço (*aponta alguém que, de fato, está na plateia do espetáculo*). No mesmo lugar de ontem. E com a mesma roupa de ontem e de anteontem. E de antes de anteontem. Mesma coisa com aquela moça ali. Tudo igual. Todo dia.

Nesse momento, o ator que interpreta JOÃO pode brincar com a plateia e com as características específicas de cada presente.

MARIA LINDA

E hoje você pode trazer alguma coisa de diferente pra eles, João. Um palhaço. Nunca viram um palhaço.

Volta para o centro da cena.

JOÃO

Mas é isso que me aperreia. Nem nos canteiros de obra tive peso tão grande nas costas!

MARIA LINDA

Tem que suportar, João. Agora enche o peito, encolhe a barriga, levanta o queixo e vá lá arrancar sorrisos de cada um que tá sentado naquela arquibancada!

Ela empurra JOÃO para fora da cena e corre para uma das coxias, como se assistisse à apresentação de JOÃO. A luz cai lentamente. Temos uma trilha sonora que se inicia leve. Aos poucos ela vai ganhando ritmo e ficando mais acelerada. Risadas leves começam a pontuar a trilha e crescem na mesma medida dela. Chega um momento em que temos uma trilha bem agitada e grandes gargalhadas pontuando-a. A cada gargalhada, um flash de luz ilumina o palco e pode-se perceber a vibração de MARIA LINDA, que assiste ao show do mesmo lugar em que terminou a cena. A trilha cai lentamente, junto com as gargalhadas.

CENA VIII – No mínimo, a perfeição.

Mais uma vez, temos um início de cena idêntico ao da cena VI. PÃ lixa intensamente a boca de seu canhão. Entra ANASTÁCIO, tentando calçar suas botas.

ANASTÁCIO

Pã! Pãããã!

PÃ

(Deixando a lixa e o canhão de lado) Que foi, Mestre?

ANASTÁCIO

Me ajude com essas botas.

PÃ

Apertadas ainda?

ANASTÁCIO

Ainda.

Entra JOÃO, tímido, com uma alegria contida. Breve silêncio.

JOÃO

Bom dia.

ANASTÁCIO

Bom dia... Palhaço.

PÃ

Bom dia.

JOÃO

Pois é... Vim aqui pra...

ANASTÁCIO

De fato, rapaz. Não tive tempo de conversar contigo ontem.

JOÃO

Pois é... Queria saber...

ANASTÁCIO

Não foi tão mal. Pra um iniciante.

JOÃO melhora seu semblante. A alegria já não está mais tão contida.

JOÃO

Jura? E o que achou?

ANASTÁCIO

Tem muito a evoluir (*abre um ligeiro sorriso*). Mas pode-se ver que leva jeito pra coisa.

JOÃO

Então quer dizer que...

ANASTÁCIO

Não disse nada. Circo é repetição, meu nobre palhaço. Repetição. (*Fala pausadamente*) Um dia após o outro. Repetidamente. Aí sim, talvez um dia, chegue à perfeição.

JOÃO

Claro...

ANASTÁCIO

Talvez... (*Gritando para a coxia*) Torah! Zéfiro! Brigitte! Margot! Venham até aqui.

Entram TORAH, ZÉFIRO, BRIGITE e MARGOT.

ANASTÁCIO

Temos um novo número no Circo da Cidade. João e seu palhaço entram de vez no espetáculo. Ajudem no que for preciso.

BRIGITE

Podemos interagir nossos números.

JOÃO

Seria ótimo.

ANASTÁCIO

Por hora não. Quero ver evolução no palhaço primeiro. Depois pensamos em interação.

JOÃO

Como quiser.

ANASTÁCIO

Pã, mandou afiar as facas? Íris estava com pouca ponta ontem.

PÃ

Íris e Diana. Já estão com Narciso. Disse que antes do fim da tarde...

ANASTÁCIO

Venha comigo. Vou pegá-las pessoalmente. E vocês voltem aos treinos. Daqui a pouco temos um novo espetáculo.

Todos saem. Por outra coxia entra MARIA LINDA.

JOÃO

Ouviste? Ouviste isso?

MARIA LINDA

E qual a novidade? Depois da apresentação de ontem, isso era certo. *(Muda o tom)*
Foi lindo. O circo se preencheu de risos. Mulheres, homens, crianças, os velhinhos da primeira fila...

JOÃO

Até seu pai eu vi rindo... Enquanto me espiava.

MARIA LINDA

Foi...

JOÃO

Por falar em espiar, eu bem vi que outros olhinhos me olhavam também. Daqui dos bastidores.

MARIA LINDA

(Meio sem graça) Olhinhos?

JOÃO

É... Os olhinhos mais perfeitos que eu já vi em todo esse mundo.

MARIA LINDA

Pois deviam ser de Brigitte.

JOÃO

Deixe de rodeios, Maria Linda. Eu bem vi que era tu mesmo.

MARIA LINDA

(Sem graça) É? E se for? Qual o problema? Num já disse que gosto do palhaço?

JOÃO

Opa... O que disse?

MARIA LINDA

Lhe disse que eu já disse que gosto mesmo de palhaço.

JOÃO

Não foi isso que disse da primeira vez. Disse que gosta “do” palhaço.

MARIA LINDA

Pois então. A mesma coisa.

JOÃO

Mesma coisa nada. “Do” e “de” são coisas bem diferentes.

MARIA LINDA

São coisa nenhuma.

JOÃO

Pois são sim. “De” é um coisa mais genérica, como se tu gostasse “de” qualquer palhaço. Agora o “do”...

MARIA LINDA

O “do” o quê?

JOÃO

O “do” quer dizer um só. (*Com ênfase*) Especificamente. “O” palhaço.

MARIA LINDA

E daí?

JOÃO

Quem é “o” palhaço desse circo?

MARIA LINDA

Mas eu num disse “o”, disse “do”!

JOÃO

Mesma coisa. O sentido de exclusividade é o mesmo!

MARIA LINDA

Não é! E deixe de bobagem.

Silêncio.

MARIA LINDA

E se for?

JOÃO

O quê?

MARIA LINDA

E se “o” for a mesma coisa do “do”?

JOÃO

Então quer dizer que você num gosta mesmo de qualquer palhaço... Gosta é de mim.

MARIA LINDA

Especificamente!

Os dois correm e se abraçam. Mas ela logo se afasta.

JOÃO

Que foi?

MARIA LINDA

Já disse que num sou eu que tenho que gostar. É Anastácio, meu pai.

JOÃO

Mas ele também gostou.

MARIA LINDA

(Maliciosa) Eu sei... Mas não gostou da mesma forma que eu gostei.

JOÃO

Oxe, mas que diabo de coisa complicada.

MARIA LINDA

Gosto do João e do palhaço. Papai, por enquanto, só gosta do palhaço. E nem tá tão certo disso.

JOÃO

Mas se tu gosta...

MARIA LINDA

Papai tem que gostar!

JOÃO

Então isso num vai ser problema. Eu vou lá e falo com ele. Se eu gosto e tu gosta, ele também há de gostar.

MARIA LINDA

Não, melhor não... Deixa que eu mesma falo.

JOÃO

Você? E teria coragem?

MARIA LINDA

Medo de quê? De um “não”?

JOÃO

Oxe, mas eu me borro por esse “não”.

MARIA LINDA

Eu falo. Falo sim.

JOÃO

Então vá!

Entram TORAH, ZÉFIRO, BRIGITE e MARGOT.

BRIGITE

Parece feliz, palhaço.

JOÃO

Mas sou um palhaço, mulher. Tenho mesmo é que tá feliz!

ZÉFIRO

Um palhaço apaixonado tem sorriso diferente. Sorriso bobo.

TORAH

Parabéns, João. Você agora é um dos nossos.

MARGOT

Devo reconhecer que pelos risos que ouvi, deve ter se saído muito bem, palhaço.

JOÃO

Acho que me virei direitinho.

MARGOT

Pois agora terá que se virar do avesso pra convencer Anastácio.

JOÃO

Oxe, mas nem me fale.

BRIGITE

Ele já sabe?

JOÃO

Inda não.

TORAH

Se soubesse já teríamos ouvido berros por aí.

Nesse momento ANASTÁCIO grita da coxia.

ANASTÁCIO

O quêêêê?

JOÃO

Pois parece que Maria Linda tratou de mudar isso.

ZÉFIRO

Tirou o corpo fora, palhaço?

TORAH

Deixou a moça sozinha com a fera?

MARGOT

Isso não é coisa de homem.

BRIGITE

Coisa de palhaço.

JOÃO

Calma, gente. Ela achou melhor. Eu até ia...

TORAH

Sei...

ZÉFIRO

A fúria de Anastácio só deve ter aumentado. Imagine! Entregar a filha nas mãos de um covarde. Suas chances se foram com o vento, palhaço.

JOÃO

Mas ela insistiu...

BRIGITE

E ama de verdade?

JOÃO

Claro.

ZÉFIRO

Com amor de homem e não de palhaço?

JOÃO

Com os dois juntos se possível for.

TORAH

Lá vem ele...

JOÃO

Oxe, vou me esconder.

Vai na direção do grande pano que cobre uma espécie de boneco gigante.

ZÉFIRO

Aí não!

JOÃO

Mas por quê?

ZÉFIRO

Ora, porque...

BRIGITE

Porque é aí que o marionetista guarda seu novo boneco. Pro seu novo número.

MARGOT

E é segredo. Ninguém pode ver antes dele.

TORAH

(Tomando a frente do suposto boneco) Pediu inclusive pra que eu vigiasse.

JOÃO

Boneco? Eita diacho de boneco grande!

MARGOT

Encare o homem palhaço! Se ama de verdade, encare o homem.

JOÃO fica em cena. Entra ANASTÁCIO com MARIA LINDA.

ANASTÁCIO

(Vê TORAH protegendo o boneco) Algum problema?

TORAH

Não, Mestre. Nenhum problema.

ANASTÁCIO

E com você, palhaço? Algum problema?

JOÃO

De minha parte nenhum. Tudo nos conformes.

ANASTÁCIO

O que Maria Linda me disse é verdade?

JOÃO

Aí depende.

ANASTÁCIO

Do quê?

JOÃO

Do que ela disse, oxe.

ANASTÁCIO

Guarde suas palhaçadas pro picadeiro, João. Sabe do que eu tô falando.

JOÃO

Sei, é?

Silêncio. JOÃO toma coragem e fala de uma só vez, como se cuspiisse palavras.

JOÃO

Pois é verdade sim. Eu me apaixonei por sua filha desde o primeiro segundo que meus olhos cruzaram com os dela. A coisa mais linda e perfeita que já vi na vida. E tô fazendo esse papel todo de palhaço aqui só pra ficar mais pertinho dela. E num pense que é papo meu, porque a coisa toda é vice-versa: eu gosto e ela gosta também. De modo que se o senhor não se incomodar eu queria muito ter sua filha como par.

Abaixa-se, esperando ouvir um “não” ou até uma agressão. Silêncio.

ANASTÁCIO

Grande número, palhaço. Andou treinando?

JOÃO

Quer que eu repita? Pra ficar melhor?

ANASTÁCIO

Não desaprovo seu amor por minha filha. Nem o dela por você.

JOÃO

E não?

ANASTÁCIO

O que não posso fazer é entregá-la assim, pra alguém que mal conheço.

JOÃO

(Fala ininterruptamente) Prazer, sou João Qualquer, nascido no interior do sertão nordestino, numa sexta-feira santa, filho de Matias e Severina, irmão de Paulo, Ana, Dolores, Zé Nildo...

ANASTÁCIO

(Sorri) Tem mesmo treinado.

JOÃO

Esse sou eu.

ANASTÁCIO

Maria Linda é o que eu tenho de mais valioso em minha vida, João. Uma joia que não posso entregar na mão de um qualquer. Tudo que desejo pra minha filha é a perfeição.

JOÃO baixa a cabeça.

ANASTÁCIO

Você não é mau sujeito, João. Mas tem muito o que me provar.

JOÃO

Provar o quê, homem? Que amo sua filha?

ANASTÁCIO

Que merece Maria Linda! Que pode ser perfeito pra ela.

JOÃO

Perfeição? Olhe pra mim. Cabeça chata, perna torta, cara de sofredor...

ANASTÁCIO

Só preciso que me prove que tem um bom coração.

JOÃO

Mas como?

ANASTÁCIO

Continue com seus números de palhaço. Lembra do que eu te disse? Se conhece um palhaço pela pureza e grandeza de seu coração. Gosto de você, João. Me mostre que a apresentação de hoje não foi obra do acaso, da empolgação do público por algo novo. Continue arrancando risos e lhe entrego a mão de minha filha.

ANASTÁCIO e MARIA LINDA saem. A luz cai lentamente. Trilha sonora de transição. Fecham-se as cortinas. A ação volta ao proscênio.

CENA IX – Faz. Faz sim.

Entram MARIA e ALCEU, na mesma posição em que estavam no início do espetáculo. Ela em sua cadeira de balanços e ele ajoelhado ao seu lado.

ALCEU

Então os dias iguais se passaram, o palhaço foi arrancando cada vez mais gargalhadas, e Anastácio enfim concedeu a mão de sua pequena a João. Linda fábula de final feliz, Maria.

MARIA

(Sorri em silêncio) Não é uma fábula, Alceu. Tampouco tem final feliz.

ALCEU

Não é uma fábula, Maria? Como uma cidade pode ter seus dias sempre iguais? Como as mesmas pessoas vão ao mesmo circo, ver os mesmos números todos os dias? Como um circo repleto de aleijados pode ser tão espetacular? Se não é uma fábula, Maria, o que é?

MARIA

Não terminei a história, Alceu. Seja paciente, como fui com você.

ALCEU

É o que tenho sido há meses.

MARIA

Só mais alguns minutos, Alceu.

ALCEU

Se os dias são sempre iguais, imagino que possamos dar um salto nessa história, não? Talvez pra parte em que as botas do tal Anastácio já tenham cedido. Ou um ponto em que o pobre coitado do anão já tenha conseguido entrar no canhão.

MARIA

Passaram-se algumas semanas, Alceu. E o palhaço sempre impecável. Agora entendia que a repetição fazia bem a seu número. Até que Anastácio foi obrigado a reconhecer...

Cai a luz do proscênio. Abrem-se as cortinas.

CENA X – A busca pela perfeição é a própria perfeição.

Temos agora o mesmo cenário da cena I. Estamos no picadeiro central do circo. O espetáculo do dia acaba de terminar. Em cena, ANASTÁCIO limpa suas facas. Podemos ver a plataforma de madeira no qual atira as facas ao fundo. Todos estão em cena recolhendo seus materiais de apresentação. Entra o palhaço JOÃO.

JOÃO

(Olha para a estrutura de madeira) Beleza de número, Anastácio. Mas confesso que me borraria inteiro se fosse eu que tivesse ali. Que coragem dessa tua assistente!

ANASTÁCIO

Não é coragem, palhaço. É confiança. Circo é precisão...

JOÃO

E repetição...

ANASTÁCIO

Disse bem, palhaço. Aliás, devo reconhecer como evoluiu.

JOÃO

Tenho me esforçado.

ANASTÁCIO

Pelo espetáculo? Ou por Maria Linda?

JOÃO

Pelos dois.

ANASTÁCIO

Pois vou amenizar seus esforços. Me convenceu, João. Me convenceu de que é palhaço.

JOÃO

Oxe, meu São Gelásio...

ANASTÁCIO

Três semanas. Vinte e uma apresentações com a plateia hipnotizada. Risos preenchendo cada espaço entre esse chão e o topo da lona.

JOÃO

Repetição, né?

ANASTÁCIO

És um autêntico palhaço, João. E se seu coração tem pureza pra ser palhaço, também tem pureza pra ser de minha filha.

JOÃO

O senhor tá de gozação?

ANASTÁCIO

O palhaço não sou eu...

JOÃO

Oxe, mas que num tô me aguentando de alegria! (*Fala para todos*) Vocês ouviram? Eu sou palhaço! Palhaço de verdade. De coração puro. E posso entregar ele todinho a Maria Linda! É felicidade que num cabe no palhaço! Preciso falar com Maria Linda (*sai para a coxia, mas é interrompido por ANASTÁCIO*).

ANASTÁCIO

Calma lá, palhaço. Termine de desmontar tudo com os outros. Primeiro eu falo com Maria Linda. Depois vocês terão todo tempo do mundo pra conversar.

JOÃO

Claro, claro. É que num tô cabendo em mim de alegria.

ANASTÁCIO

Contenha-se então, palhaço. E volte ao trabalho.

ANASTÁCIO sai.

JOÃO

Vocês ouviram isso? Já posso ser o palhaço mais feliz do mundo. Tenho um circo perfeito, tenho amigos (*abraça a todos sem ser correspondido*). E tenho um amor pro meu coração.

TORAH

Que bom, palhaço.

MARGOT

A gente fica feliz por você.

ZÉFIRO

Muito feliz.

Pã está incomodado. Chama JOÃO em um canto.

PÃ

Gosta dela de verdade, né?

JOÃO

Se gosto!

PÃ

Com todo amor de seu coração?

JOÃO

Meu coração já é todinho dela!

BRIGITE

O que tá fazendo, Pã?

PÃ

Me deixe.

MARGOT

O que pretende, Pã?

PÃ

Tem uma coisa que tem que saber.

ZÉFIRO

Não tem que levar as facas de Anastácio pra afiar, Pã?

PÃ

Maria Linda, Anastácio, o circo... Nada disso é como você tá pensando.

JOÃO

Mas que papo é esse? A única coisa que não é o que parece aqui é você. Anão.

BRIGITE

Não faça isso, Pã. Pense nas consequências.

TORAH

Anastácio lhe mata.

PÃ

Pois que se danem as consequências. Que se dane Anastácio.

JOÃO

Mas que diabo tá acontecendo?

TORAH

Respeito, anão. Respeito ou lhe meto a mão na cara.

PÃ

E com que mão segura o peso? Aleijado!

TORAH

Não me provoque.

BRIGITE

Calma, Torah. *(Para PÃ)* Pã, o que tá fazendo?

PÃ

Não percebem que isso tudo pode acabar?

JOÃO

Isso tudo o quê?

PÃ

Tudo! O Circo, a Cidade, até a gente mesmo.

ZÉFIRO

O que tá dizendo, anão idiota?

PÃ

É a busca pelo perfeito que tem movido tudo aqui. Se a perfeição chegar, não há mais motivos. Não há mais busca. Não há mais circo.

ZÉFIRO

Anastácio planeja isso há anos.

PÃ

Mas nem ele entende. Diz que circo é repetição, mas não entende que se Maria Linda arrumar seu par perfeito a procura acaba. E acabando a procura, acaba a razão de existir desse circo.

ZÉFIRO

Bobagem.

MARGOT

E prefere viver nessa repetição? Nessa busca eterna?

PÃ

É isso que move o circo. É isso que move a gente. A busca pela perfeição é a própria perfeição.

JOÃO

É por isso então... Por isso tua lixa de lixar o canhão tá tão gasta e mesmo assim tu não troca.

PÃ

É a esperança de um dia entrar naquele canhão que me alimenta, João. Se um dia eu conseguir, o sonho acaba...

JOÃO

Isso é doideira. Doideira das grandes!

PÃ

E entregar seu coração a Maria Linda o que é?

JOÃO

Amor. Coisa que o anão aí num deve nem saber o que é.

Silêncio constrangedor.

PÃ

Ela só quer seu coração, João. O resto não interessa pra eles.

JOÃO

Cansei de suas besteiras.

PÃ

Nada aquém da perfeição. É isso que Anastácio busca pra Maria Linda. Um par perfeito. Mesmo que esse par seja construído, montado como um quebra-cabeça, com aquilo que cada um tem de melhor.

JOÃO

Esse anão tá surtando.

PÃ

O braço musculoso de Torah. A perna torneada de Zéfiro. Os olhos azuis de Margot. Ou as costelas proeminentes de Brigitte.

JOÃO

Deixa ver se eu entendi. Quer dizer então que Anastácio tá montando uma espécie de Frankenstein pra se casar com Maria Linda? E pra isso ele rouba as partes mais perfeitas do corpo de cada um?

PÃ

Ele não rouba. Eles oferecem pra ela.

Introdução instrumental. MARIA LINDA entra em cena. Os personagens solam as estrofes que contam suas histórias, de modo que cada um conte a do outro, como em um número musical. Coro no refrão.

Maria Linda, quem lhe vê se alucina
Maria Linda, quem lhe vê não se quer mais
Maria Linda, quem lhe vê esquece a rima, lhe confunde com menina
Mas não sabe o que tu faz.

O Deus dos Ares num só sopro se quedou
Quando viu Linda até o vento suspirou
E bambeou no balançar do cordão fino, sua perna virou mimo
Pra lindeza que o fisgou.

Da mesma forma com Torah se sucedeu
O homem forte num sorriso se rendeu
E toda força que lhe tinha foi tirada, pois um braço não é nada
Pra quem perde o esplendor.

Maria Linda, quem lhe vê se alucina
Maria Linda, quem lhe vê não se quer mais
Maria Linda, quem lhe vê esquece a rima, lhe confunde com menina
Mas não sabe o que tu faz.

Assim seguiu com o belo mago de olho azul
Linda beleza que não viu nem lá no sul
Tamanha foi a compaixão do ilusionista, que tirou seu par de vista
E pra Linda os entregou.

E foi assim que até Brigitte se encantou
O que era doce num instante se amargou
E grande foi a alquimia entre elas, que doou suas costelas
Pro então seu grande amor

Maria Linda, quem lhe vê se alucina
Maria Linda, quem lhe vê não se quer mais
Maria Linda, quem lhe vê esquece a rima, lhe confunde com menina
Mas não sabe o que tu faz.

Malabarista, trapezista, domador
Homem do circo, da cidade, até doutor
E até donzela, mulher moça feminina, concedia a tal menina
O que tinha de valor.

Marionetista, aramista, saltador
E de repente o circo inteiro se entregou
Mas toda entrega não bastava à perfeição, pois lhe faltava um coração
Puro e cheio de amor...

Durante o musical, PÃ arrasta o “Frankenstein” de MARIA LINDA até o picadeiro, ainda envolto pelo pano, como se fosse o boneco do marionetista. No momento em que os personagens terminam de cantar a música, PÃ tira o pano preto, que revela um boneco em tamanho real, todo desproporcional, que foi montado juntando partes dos corpos de várias pessoas. Podemos identificar claramente os olhos de MARGOT, um dos braços de TORAH e uma das pernas de ZÉFIRO. No peito, vemos um buraco aberto, vazio, local destinado ao coração. A trilha se converte a um certo suspense. JOÃO está boquiaberto.

JOÃO

Então o boneco do marionetista num era um boneco...

PÃ

O par perfeito de Maria Linda. Perfeito em todas as partes. A não ser por um detalhe.

JOÃO

O coração.

Nesse momento entram ANASTÁCIO e MARIA LINDA.

ANASTÁCIO

Vejo que a língua do anão também cresceu quando não devia.

Os outros personagens, inclusive PÃ, acovardados, saem de cena, levando seus objetos. O grande boneco permanece em cena.

JOÃO

Diga que isso não é verdade, Maria Linda. Diga, ande.

MARIA LINDA

João! Papai me contou. Já podemos ficar juntos.

JOÃO

Diga! Diga você, Anastácio. O que é isso? (*Aponta para o boneco*) Que aberração é essa?

MARIA LINDA

Que foi, palhaço? Não tá feliz?

JOÃO

Feliz? Tô! Tô sim! Olhe minha cara de felicidade!

MARIA LINDA

Pois devia estar.

ANASTÁCIO

O anão lhe contou tudo.

JOÃO

Contou. Pedacim por pedacim. Se me permite o trocadilho.

ANASTÁCIO

Então não há mais o que esconder.

JOÃO

Venha cá, Maria Linda. Posso falar contigo um instante?

Ela olha para o pai. O pai faz que sim com a cabeça. JOÃO e MARIA LINDA vão para a frente do picadeiro.

JOÃO

Diga que isso tudo é uma grande palhaçada, Maria Linda. Diga pelo amor de São Gelásio.

MARIA LINDA

Mas, João, o que há de errado?

JOÃO

Eu e tu? Foi tudo piada, foi?

MARIA LINDA

Claro que não.

JOÃO

Pois saiba que eu lhe amo é de verdade. Com toda força de meu coração.

MARIA LINDA

Eu também lhe amo, palhaço.

JOÃO

Como amou Torah? Como amou Margot? Zéfiro e até Brigitte?

MARIA LINDA

(Pausa. Sorri, numa mistura de inocência e insanidade) Sim. Como amei todos eles!

JOÃO

Ai, meu São Gelásio...

MARIA LINDA

E como amei Ezequiel. E como amei Narciso, Ariadne, Apolo, Astride, Mérfis...

JOÃO

Chega. Já chega!

MARIA LINDA

É como amo você! Com a mesma verdade. Com o mesmo amor.

JOÃO

Repetição...

ANASTÁCIO interrompe.

ANASTÁCIO

Que leva à perfeição, João. É só o que procuro para minha filha. O perfeito.

JOÃO

E o perfeito num pode ser único. Um só?

ANASTÁCIO

Mas ele será único. Um só! (*Apona para o grande boneco*).

JOÃO

Assim que tiver meu coração. Puro e cheio de amor.

ANASTÁCIO

Não vamos te obrigar a nada. Você precisa oferecer a Maria Linda. Tem que ser igual.

JOÃO

Meu coraçãozinho...

ANASTÁCIO

O mais puro e perfeito que já vi.

JOÃO

Mas é o único que tenho...

ANASTÁCIO

(*Muda o tom intimista*) Amanhã, João! Se ama mesmo Maria Linda, deve desejar a perfeição a ela.

JOÃO

E meu coração...

ANASTÁCIO

Seu coração é puro. Perfeito. O resto não...

JOÃO

(*Olha para o próprio corpo*) O resto...

ANASTÁCIO chama o restante da trupe. Eles entram.

ANASTÁCIO

Meus caros, ele aceitou! João aceitou!

JOÃO

Quê?

ANASTÁCIO

João aceitou fazer comigo o número das facas. O atirador e o palhaço juntos. Essa é a interação perfeita que o circo procurava. Amanhã, João. Amanhã. Um espetáculo nunca antes visto!

ANASTÁCIO sai com MARIA LINDA. Silêncio.

PÃ

Vá embora, palhaço. Pra bem longe daqui.

TORAH

Se for embora, nosso amor não terá valido de nada.

MARGOT

E os dias continuarão a se repetir.

BRIGITE

Numa busca que pode ser eterna.

PÃ

Vá, palhaço. E deixe a gente perseguir a perfeição. Não acabe com tudo.

ZÉFIRO

Um dia vai ter que acabar. Que esse dia seja amanhã.

PÃ

Corre, palhaço. Você ouviu o Mestre? A escolha é sua. Não seja idiota como esses aí.

ZÉFIRO

Fala isso porque não tem nada de perfeito.

TORAH

É uma aberração, sem nada pra oferecer por amor.

MARGOT

Nem sequer despertou o interesse de Maria Linda.

BRIGITE

Deixe que o palhaço faça o número com Anastácio. Faça o número, João. Vai ser um sucesso.

PÃ

Vá embora, João.

JOÃO

É só um número...

PÃ

Pois quer saber o que acontece?

JOÃO

Não!

PÃ

Vai estar lá, na mira das facas de Anastácio, por vontade própria. Como esses aí estiveram.

JOÃO

É só um número.

PÃ

Diana será a derradeira. E vai ser ela mesma que vai abrir teu peito pra que Anastácio tire de lá seu coração. Ainda pulsando.

JOÃO

Puro e perfeito.

PÃ

Vá embora, palhaço. Segue tua vida, sobe pras tuas terras.

JOÃO

Subo... Depois desço de novo. Como já desci uma vez. Aí subo outra vez. Sem rumo, sem volta, sem vida que valha a pena... Eternamente.

PÃ

Vá embora, palhaço.

Silêncio. JOÃO reflete.

JOÃO

Pois haverá número amanhã. Um número novo. O palhaço e o atirador. Pois o dia precisa parar de se repetir. A vida precisa parar de se repetir. Boa ou ruim, tem que parar.

PÃ

Palhaço idiota.

JOÃO

Agora tenho uma resposta pro tal profeta com nome de russo. Mesmo uma vida boa, num vale ser vivida eternamente. Não é justo ter uma só possibilidade de escolha se vamos penetrar o infinito. A vida não vivida tem que brotar. Brotar em horas, dias, momentos, erros, lágrimas. A vida vivida foi feita para nos ensinar a nós mesmos a viver de outro jeito. Nem melhor, nem pior. Mas de outro jeito.

PÃ

Vai morrer, palhaço!

JOÃO

Que eu morra! Que morra pelo direito de Maria Linda viver o diferente. Pelo direito de você, anão, um dia ser cuspidado daquele canhão. E poder adormecer não com o som da lixa roçando o ferro. Mas com o som dos aplausos do público que nunca vão sair da tua cabeça.

PÃ

Idiota!

JOÃO

Preparem tudo. Avisem ao público pra que venham ver um novo número. E que dessa vez não se sentem no lugar de sempre. Pra que mudem de lugar. Pra que vejam as coisas de um jeito diferente. Amanhã, meus amigos. Amanhã!

JOÃO sai de cena. A luz cai lentamente, ficando um foco apenas no grande boneco. Com essa luz, PÃ arruma o picadeiro para a cena final. TORAH, BRIGITE, MARGOT e ZÉFIRO vão para a plateia e pedem para que as pessoas no teatro troquem de lugar, mesmo que com a pessoa ao lado. Quando termina de arrumar o palco, PÃ retira o boneco. Os outros personagens se retiram. B.O. Trilha de transição.

CENA XI – Nem sempre o fim é onde se termina.

Essa é a mesma cena que inicia o espetáculo. Temos a ideia de que um grande número circense está para começar. Podemos ver uma grande roda de madeira, daquelas utilizadas no circo pelos atiradores de faca, na qual colocam suas “vítimas” de pernas e braços abertos. O palhaço JOÃO está nessa roda, aguardando que as certas facas do atirador sejam mesmo certas. ANASTÁCIO, atirador e dono do circo, entra em cena, inflamando o público.

ANASTÁCIO

Reeeeeespeitável Público. Preciso da atenção, da energia e da vibração de vocês.

JOÃO

Eu preciso somente da oração de vocês.

ANASTÁCIO

O Fantástico Circo da Cidade tem o orgulho de apresentar o acontecimento mais esperado da noite. O momento em que pele e aço ficam frente a frente. Em que o homem desafia o brilho da morte.

JOÃO

E cadê esse homem que não chega?

ANASTÁCIO

E aqui está esse homem: João, o palhaço.

JOÃO

Palhaço me parece bem adequado ao momento.

ANASTÁCIO

Íris, Helena, Ceres e Diana. Quatro lâminas tão afiadas que podem cortar uma folha de papel numa só passada.

JOÃO

Dê papel pra elas então, ora.

ANASTÁCIO

Peço agora, por um momento, o silêncio de todos... Silêncio quase mortal. Qualquer bagunça, barulho, bufada, buxixo, burburinho ou mesmo uma respiração mal colocada pode custar a vida desse homem.

JOÃO

Ai de quem piscar um olho sequer.

ANASTÁCIO

A primeira. Íris.

Rufam tambores. A primeira faca é atirada. Em um efeito mecânico, surge uma faca cravada na madeira.

JOÃO

Ai, meu São Gelásio. Se não morro de furo, morro de susto.

ANASTÁCIO

A segunda. Helena.

JOÃO

Ô, Gelasim, essa arrancou até cabelo de minhas pernas.

ANASTÁCIO

A terceira. Ceres.

JOÃO

Oxe, que só o vento já me cortou.

ANASTÁCIO

E a derradeira. Diana.

JOÃO

É agora, meu São Gelásio... Ô, meu santinho africano, me protege como protegeu teu povo. Num deixe que essa peste de dente afiado se amole no meu couro curtido. Ai, meu São Gelásio...

Os focos de luz sobre JOÃO ficam ainda mais frenéticos. Há muitas luzes, de várias cores. O som de rufar de tambores também aparece, dando maior clima de tensão à cena. JOÃO continua “conversando” com seu Santo protetor em tom gradativo até que termina gritando, quando vê a suposta faca em sua direção.

JOÃO

(Em gradação, cada vez mais alto até que grita) Lá vem ela, Gelasim. Lá vem a peste brilhando e sorrindo pra mim. Tá se vendo nela? Pois eu já tô me vendo nela. Todo distorcido, mas tô me vendo. Lá vem, meu santim. Lá vem...

Trilha sonora no auge. Blackout. Trilha cai imediatamente. Retira-se a estrutura de madeira do palco.

CENA XII – Nem sempre o começo é de onde se começa.

Palco limpo. Trilha sonora. Mais uma vez a iluminação deve transmitir o calor do ambiente. Entra ALCEU, visivelmente abatido e muito suado. Está perdido no semiárido. Para no centro da cena, como se estivesse desistindo de caminhar. Pega sua manteiga de cacau e passa nos lábios.

ALCEU

Obrigado, Maria. Muito obrigado. A uma hora dessas eu já devia estar no escritório, com esses benditos papéis assinados. Mas não... *(Remedando a si mesmo)* “Tudo bem, conte a sua história...” “Que linda história, Maria!” “É uma fábula?”.

Pausa. ALCEU passa mais manteiga de cacau nos lábios.

ALCEU

Nem sinal de cidades. Nem sinal de água. Nem sinal de sinal nenhum. Ótimo, Alceu.
Perdido no meio do nada.

*Passa mais manteiga de cacau. Entra ZARA. ALCEU ouve a voz do profeta.
Assusta-se e deixa a manteiga cair no chão.*

ZARA

Indo ou vindo, ser errante?

ALCEU

Ah... Num acredito.

Pega a manteiga no chão e a limpa, como se estivesse cheia de areia.

ZARA

Indo ou vindo, ser errante?

ALCEU

Indo pro nada. Vindo de lugar nenhum.

ZARA

Parece com sede.

ALCEU

Pareço? Você acha mesmo?

ZARA

(Tirando um velho cantil e oferecendo a ALCEU) Beba...

ALCEU

(Sem graça) Perdão. É que esse sol de vocês não castiga só o corpo.

ZARA

As pessoas costumam se perder por essas bandas. Andar em círculos. É tudo muito igual. Não há referências.

ALCEU

Percebe-se. Eu mesmo já devo ter passado por aqui umas trinta vezes...

Silêncio. ALCEU finalmente percebe que algo estranho está acontecendo.

ALCEU

Quê isso? Alguma brincadeira?

ZARA

Brincadeira? Creio que não, Alceu.

ALCEU

(Ri, um tanto nervoso) Claro que é! Como saberia meu nome?

ZARA

Um profeta sabe de muitas coisas.

ALCEU sorri, gargalha.

ALCEU

Zara, não é? Zarathustra! *(Debochando, mas visivelmente nervoso)* Nome de russo, né? Não vai me perguntar sobre o demônio? Sobre as vidas iguais? Pergunte. Tenho ótimas respostas.

Entra MARIA em cena.

ALCEU

Ah... Aí está você. Bem que tentou, Maria. Tentou me irritar de novo. Mas não conseguiu. E agora chega dessa brincadeira. Pra que lado fica a cidade?

ZARA

Já está nela.

ALCEU

Chega, Maria. Já tomou muito do meu tempo.

MARIA

Faltou um detalhe sobre o final de João, Alceu. Sempre apressado.

ALCEU

Pra mim ficou muito claro. João se sacrificou por Maria Linda.

MARIA

Teria feito isso... Não fosse por Pã.

ALCEU

O anão?

MARIA

Ele não se conformou com a escolha de João. Então naquele dia, Pã não levou as facas de Anastácio para afiar. Íris e a derradeira, Diana, estavam cegas, sem corte e sem ponta. E assim continuaram até o momento do grande número.

ALCEU

Então...

MARIA

Anastácio mirou, atirou! E Diana bateu no peito de João, bem em cima do broche de São Gelásio. E caiu. João achou que fosse um aviso, um milagre do seu santo protetor e saiu em disparada. Nunca mais foi visto por essas bandas.

ALCEU

E o circo?

MARIA

Andou uns quilômetros... Pouca coisa. Só pra ter certeza de que João não voltaria com nenhum... Convidado. Mudou de lugar. Mas voltou aos seus dias iguais.

ALCEU

A cidade...

MARIA

Foi com o circo. Um não existe sem o outro.

ALCEU

E Pã?

MARIA

Coitado... Acidentou-se enquanto lixava o canhão. (*Sádica*) Booom!

ALCEU

E aquela casa...

MARIA

É onde ficava o circo... Depois daquele dia, Maria Linda não quis deixar o lugar. Então Anastácio levou embora o circo e construiu aquela casinha. E ela ficou lá por anos, esperando que um coração perfeito aparecesse de novo. Ou mesmo que João voltasse.

ALCEU

E não voltou.

MARIA

Nunca.

ALCEU

E... Todo mundo? Os outros? Torah, Brigitte, Margot... E Maria?... (*Percebe que a própria MARIA é MARIA LINDA*) Maria Linda...

MARIA

Estão todos aí...

Entram TORAH, MARGOT, ZÉFIRO, BRIGITE e ANASTÁCIO. Criam um círculo – alusão à mais perfeita das formas – ao redor de ALCEU, completado por ZARA. Eles começam a cantar bem baixinho, e vão subindo o volume aos poucos.

MARIA

Estamos todos aqui... Tudo igual, Alceu. Sempre em busca da perfeição.

ALCEU

Não cheguem perto de mim.

MARIA

Tem um bom coração, Alceu. Já lhe disse isso? Tem um bom coração...

ALCEU

Saiam. Aberrações! Saiam de perto de mim.

ALCEU grita. Eles continuam cantando e fechando o círculo.

A cidade do circo dos dias iguais

à cidade do circo dos iguais aos dias de circo na cidade igual....

aos iguais da cidade dos dias de circo.

Do circo igual à cidade de dias iguais à cidade do circo dos dias...

iguais ao circo de dias iguais à cidade do circo dos iguais aos dias de circos iguais...

ao circo dos dias de cidade iguais aos iguais da cidade dos dias de circo...

na cidade do circo dos dias iguais.

Vão cantando, aumentando o volume e fechando o círculo em ALCEU. Na última estrofe ele está no centro do círculo, que já o envolve por completo. Blackout.

FIM